

**UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO**

**DIUSALÉIA OLIVER**

**A DEFICIÊNCIA SOB OS OLHARES DA  
COMUNICAÇÃO E DA INCLUSÃO**

BAURU  
2010

**DIUSALÉIA OLIVER**

**A DEFICIÊNCIA SOB OS OLHARES DA  
COMUNICAÇÃO E DA INCLUSÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Centro de Ciências Humanas e Sociais como  
parte dos requisitos para a obtenção do Título de  
Bacharel em Jornalismo, sob orientação da Prof.  
Dr<sup>a</sup> Érika de Moraes

BAURU  
2010

O484 Oliver, Diusaléia  
A Deficiência sob os olhares da Comunicação e da Inclusão  
/ Diusaleia Oliver -- 2010  
85f.  
Orientadora : Profª. Drª Érika de Moraes  
Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Jornalismo)  
- Universidade Sagrado Coração, Bauru - SP.

1. Deficiência. 2. Mídia. 3. Discurso. I. Moraes, Erika de.  
II. Título.

**DIUSALÉIA OLIVER**

**A DEFICIÊNCIA SOB OS OLHARES DA COMUNICAÇÃO E DA  
INCLUSÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Sagrado Coração como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Érika de Moraes.

Banca examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Érika de Moraes  
Universidade Sagrado Coração

---

Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup> Mário Lázaro de Camargo  
Universidade Sagrado Coração

---

Prof<sup>a</sup> Esp. Joyce Guadagnucci  
Universidade Sagrado Coração

Bauru, 28 de junho de 2010.

## **DEDICATÓRIA...**

**As pessoas são especiais, não por apresentarem alguma deficiência visível, ao contrário...**

**Especiais são as pessoas que nos ajudam a superar até mesmo nossas deficiências que teimam em ficar escondidas.**

**Sendo assim...**

**Dedico este trabalho às pessoas que, para mim, são especiais, muito especiais...**

**À minha família: pai, mãe, irmãos, que sempre me incentivaram;**

**À minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Érika de Moraes, por todo profissionalismo e dedicação.**

**Com certeza, me espelho em vocês! Ninguém é especial por acaso!**



Fotografia 1 – Abaporu, AMARAL, Tarsila, 1928

Fonte: WWW.caras.com.br

**Talvez, a mídia ainda nos veja assim...**

**Os membros deficientes são mostrados com lente de aumento, enquanto que as idéias que povoam nossa cabeça acabam ficando em segundo plano.**

**Mas nunca é tarde para mudar... Reescrever a história, e descobrir...**

***“Que nem mesmo a lua precisa de seu corpo inteiro para encantar o mundo.”***

***(Padre Vicente André)***

## AGRADECIMENTOS

- À Prof<sup>ª</sup> Ms. Roseane Andrelo, pela confiança em meu trabalho;
- À Prof<sup>ª</sup> Ligia Beatriz Carvalho Almeida, por todo carinho e empenho a mim dispensados;
- Ao Prof<sup>º</sup> Dr Danilo Rothberg, pela orientação na elaboração do Projeto de Pesquisa;
- À Banca Examinadora, por dispensar seu precioso tempo para leitura e apreciação deste trabalho;
- A todas as Pessoas com Deficiência que buscam igualdade de direitos e deveres;
- A todas as Pessoas não deficientes que procuram, dia a dia, descobrir a eficiência que há por trás de toda deficiência.

## RESUMO

Muito se tem discutido sobre a questão da deficiência no Brasil e no mundo, sobretudo nos últimos tempos, devido a maior atenção e valorização do ser humano, que passou a ser reconhecido como Sujeito dotado de individualidades, de diferenças. Tais diferenças, dependendo do seu grau de abrangência, podem ser consideradas limitantes ou não ao indivíduo. No caso específico da Deficiência, a maneira como esta é relacionada ao indivíduo que efetivamente a apresenta, fará, com certeza, toda diferença no seu processo de Reabilitação, Integração e/ou Inclusão. Assim, pode-se dizer que tais discussões – acerca da deficiência – só são levadas ao conhecimento público por meio dos Meios de Comunicação. Desse modo é incontestável a necessidade que se tem de que a Mídia se adapte às exigências terminológicas legais atuais, como forma de contribuir positivamente para a disseminação de novos conceitos (que geram posturas, atitudes) sobre a deficiência, servindo, pois, de modelo para que outras instâncias sociais também passem a encarar a diversidade como uma realidade inerente à população. Pensando nisso foi que surgiu a idéia de realizar este trabalho de pesquisa, com o objetivo de analisar diversos materiais impressos – entre eles: matérias de jornais, revistas, cartun e história em quadrinho, os quais abordam a temática da deficiência.

**Palavras-chave:** Deficiência. Mídia. Discurso

## **ABSTRACT**

A lot has been discussed on the question of disabilities in Brazil and worldwide, especially in recent times, due to greater attention and appreciation of the human being, who became recognized as a subject endowed with figures, of differences. Such differences, depending on their degree of comprehensiveness, can be regarded as limiting or not the individual. In the specific case of disability, the way this is related to the individual who effectively present, will, of course, any difference in their rehabilitation process, Integration and/or Inclusion. Thus, one might say that such discussions – about disabilities – only are made known to the public via the media. Thus there is no doubt the need that has that media suits today's legal, terminological requirements as a way to make a positive contribution to the spread of new concepts (which generate postures, attitudes) on disability, thus serving as a model for other social bodies also take diversity as a reality inherent population. Thinking about this was that the idea of conducting this research, to analyze various printed materials – among them: matters of newspapers, magazines, and history in comic cartun, which address the issue of disability.

**Keywords:** Disability. Media. Speech.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Abaporu.....	05
Figura 2 - Título e Olho do anexo 1.....	34
Figura 3 - Título do box do anexo 1.....	34
Figura 4 - Cartun de Ricardo Ferraz – anexo 2.....	35
Figura 5 - Título do anexo 3.....	36
Figura 6 - Ilka Farrath – Revista “Sou mais eu!”.....	37
Figura 7 - Título do anexo 4.....	37
Figura 8 - Título do anexo 5.....	38
Figura 9 - Título da matéria da Revista Sentidos.....	40
Figura 10 - Título do anexo 6.....	42
Figura 11 - Trecho da matéria do anexo 6.....	42
Figura 12 - Título do anexo 7.....	43
Figura 13 - Título do anexo 8.....	43
Figura 14 - Título do anexo 9.....	44
Figura 15 - Título do anexo 10.....	44
Figura 16 - Artigo: “Achemos palavras” – Revista Família Cristã.....	45
Figura 17 - Título do anexo 11.....	46
Figura 18 - Olho do anexo 11.....	47
Figura 19 - Título do anexo 12.....	49
Figura 20 - Box do anexo 12.....	50
Figura 21 - Título e Olho do anexo 13.....	50
Figura 22 - Título do anexo 14.....	55

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO 1: A pessoa com Deficiência – Aspectos relevantes.....</b>	<b>13</b>
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO 2: Jornalismo; notícia, informação, conhecimento.....</b>	<b>19</b>
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO 3: Discursando a análise, analisando o discurso.....</b>	<b>26</b>
<b>5</b>	<b>CAPÍTULO 4: Escrevendo sobre a Deficiência.....</b>	<b>33</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>57</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>59</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>64</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa tem por objetivo a análise discursiva de materiais impressos de diversos gêneros, produzidos e divulgados pela mídia, que apresentam em comum a abordagem sobre o tema deficiência.

Esses materiais foram sendo coletados, pouco a pouco, ao longo de aproximadamente 11 anos e continuam sendo selecionados e organizados em pastas-fichário, não pelo cunho saudosista, mas pelo firme propósito de que um dia todo esse material se torne mais do que “artigo para exposição”, podendo assim, mostrar às outras gerações qual era a forma (positiva ou negativa) de lidar com a deficiência e com o Sujeito que a apresenta em nossa sociedade, nas mais variadas culturas.

Por hora, todo esse processo de “garimpagem de informações” tornou-se imprescindível para que a proposta aqui apresentada ganhasse corpo, tomasse forma.

Particularmente, essa ideia da análise foi sendo “gestada” a partir da observação de que nesse tipo de material a ser analisado, eram então, apresentadas, visões recortadas, ou então, distorcidas da realidade vivenciada pelas Pessoas com Deficiência.

No intuito de abordar o tema da maneira mais qualitativa possível, propôs-se a organização do trabalho em quatro capítulos; cada qual enfocando os seguintes assuntos:

O primeiro capítulo traz uma explanação geral de conceitos relacionados à deficiência, tendo por base textos da Campanha da Fraternidade de 2006, de Romeu Sasaki e da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência / 2008, priorizando, assim, o que há de mais atualizado sobre o assunto.

No segundo capítulo, trata-se da elaboração de um panorama da Comunicação, mais especificamente voltado para a área do jornalismo impresso, que é justamente a base do material de análise do trabalho.

O capítulo seguinte está apontando direcionamentos para a execução da análise textual, baseado no conceito do Ethos (de Maingueneau) e da resenha teórica de Mussalim sobre a Análise do Discurso de linha francesa.

E, por fim, no último capítulo, tem-se a análise das matérias jornalística, levando em conta a forma pela qual a questão da deficiência é abordada.

Afinal, enquanto instituição formativa, o Jornalismo deve se adequar às terminologias específicas da atualidade de cada área com a qual se propôs trabalhar,

enfocar enquanto notícia, pois, se assim não o fizer, estará andando na contramão de algumas de suas premissas, como a dinamicidade, o compromisso com a verdade e com os Valores Humanos e Sociais.

## CAPÍTULO 1

### A PESSOA COM DEFICIÊNCIA – ASPECTOS RELEVANTES

Mesmo que todos nós nascêssemos “perfeitos”, as diferenças entre as pessoas, bem como também a deficiência continuariam sendo uma realidade social. Razões genéticas, enfermidades pré-natais, acidentes na concepção e no parto não são a única porta de entrada no universo das deficiências. Muitos passaram a ser uma pessoa com algum tipo de deficiência ao longo de sua existência. Um acidente de trânsito ou no trabalho, uma bala perdida ou mesmo um erro médico, um mergulho numa piscina rasa, uma queda de cavalo ou tantas outras circunstâncias podem tornar uma pessoa paraplégica ou tetraplégica, podem levá-la a uma perda da capacidade motora, sensorial, intelectual e/ou mental. Um agravamento do diabetes, um tumor no cérebro, um quadro de glaucoma ou um surto de parasitas podem levar alguém à perda total ou parcial da visão. A obesidade, especificamente a obesidade mórbida, também pode gerar diversas limitações motoras.

Grande parte das Pessoas com Deficiência (PCD) não nasceu assim: uma imprudência, um descuido, uma fatalidade e, eis uma nova PCD para “engrossar” ainda mais as estatísticas desse problema. Para muitos jovens e adultos cheios de saúde e vigor, a vida, com seus mistérios, é capaz de levá-los à condição de deficiente até mesmo por conta de algum acidente durante a realização de determinada prática esportiva e, assim, o que era para ser um meio eficaz de garantir saúde, acaba se tornando causa de um desarranjo pessoal, familiar, social.

Uma outra circunstância que merece ser levantada é que quem vive muitos anos torna-se, progressivamente, uma pessoa com limitações. Por exemplo: na meia-idade, muitos passam usar óculos, pois tornaram-se pessoas com certo grau deficiência visual. Além disso, pode haver também perdas auditivas, motoras e de voz.

O documento emitido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil coloca que: *Os idosos precisam de amparo e proteção, pois tornam-se pessoas com deficiência sensorial, perdem a memória, a capacidade mental, aumentando rapidamente a vulnerabilidade biológica, psicológica e social.* (CNBB, 2006, p.14)

Tal afirmação vem, de certa forma, desmistificar a ideia que muitas pessoas ainda defendem de que só é deficiente aquele que nasce com certa anomalia. Na verdade, esse enfoque garante uma amplitude de contexto, ao comprovar uma realidade

cada vez mais frequente em nossa sociedade, a de que pessoas, antes consideradas “normais” também têm chances de desenvolver alguma deficiência ao longo da vida, seja causada por doenças, acidentes ou mesmo por uma perda natural de funcionalidade em decorrência de idade avançada. A partir do momento em que se considera a vulnerabilidade de todos os seres de poderem se tornar “um deficiente” passa-se a entender melhor, então, a necessidade de que se possa verdadeiramente acessibilizar todos os ambientes, bens e serviços, para que qualquer pessoa (seja ela deficiente ou não) possa, de fato, usufruir de todas as possibilidades; mesmo a deficiência sendo ainda sinônimo de incapacidade para muita gente. Cada vez mais, as pessoas com deficiência emergem como protagonistas de suas vidas e destinos, deixando de serem objetos de ações de assistência individual.

Mesmo a palavra “deficiência” não tem conotação negativa se comparada à realidade vivenciada por muitas pessoas no Brasil e no mundo. Infelizmente, alguns ainda confundem a sequela com o próprio sujeito. Quando a limitação é associada à pessoa, este termo pode ser usado de forma discriminatória e injusta; a deficiência passa a ser vista como uma mancha, um defeito ou até como raridade.

Fica muito difícil distinguir a pessoa com deficiência, quando ela é representada apenas por um traço do seu ser. Na verdade, essa atitude faz com que essa pessoa passe a ser considerada incapaz por completo.

Assim como afirma Sasaki (1997):

*“A noção de deficiência ainda é confundida com a de incapacidade. Além de ser considerado parcialmente ou totalmente incapaz de realizar uma atividade em comparação ao que se considera parâmetro normal de um ser humano. Alguém pode ser considerado incapaz de ler e escrever, por exemplo, por ter apenas 2 anos de idade, porque nunca estudou ou devido a uma profunda deficiência intelectual. O meio ambiente e o contexto cultural e socioeconômico incapacitam. Se não houver rampas de acesso num edifício, uma pessoa com deficiência motora não poderá entrar. Se não houver código braile nos botões de um elevador, uma pessoa com deficiência visual não poderá subir sozinha a um determinado andar. A incapacidade é a perda ou limitação das oportunidades de participar da vida em igualdade de condições com os demais. Pessoas com enfermidades ou deficiências intelectuais, visuais, auditivas, motoras ou da fala, enfrentam diferentes barreiras, cuja superação ou redução das mesmas exige soluções*

*diferenciadas. As pessoas com deficiência não constituem um grupo homogêneo, e sim uma realidade complexa e muito presente em todas as sociedades.” (SASSAKI, 1997, p.39)*

Há bem pouco tempo, não era comum se levar em consideração o fato de que mesmo entre indivíduos detentores da mesma deficiência poderiam se encontrar características diferentes em relação às suas próprias limitações e potencialidades; isso porque acabava-se por desconsiderar os fatores externos tanto da estimulação oferecida à Pessoa com Deficiência quanto as próprias oportunidades de acessibilidade e inclusão. Dentro desse princípio de homogeneidade, citado pelo autor, muito se esperava da pessoa em si, ou melhor dizendo, era a Pessoa com Deficiência que teria que se adequar ao meio, e conseqüentemente às suas dificuldades, pois o “mundo” era projetado para a maioria das pessoas que pertencia à categoria dos “normais”, ou então, dos não deficientes.

O documento proveniente da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência assegura que:

*“... é dever do Estado garantir que todos os serviços e instalações da comunidade, que estejam ou vierem a estar disponíveis para a população em geral, sejam tornados adequados às pessoas com deficiência, atendendo às suas necessidades. Não se trata de “adaptar” no sentido de arremedar, quebrar galhos ou oferecer produtos de segunda categoria, trata-se sim, de “adequar” os sistemas comuns às diversidades humanas e diferenças de todas as pessoas. Pois quando adequamos os sistemas comuns que ainda não estiverem acessíveis, está-se atendendo aos requisitos dos conceitos de “equiparação de oportunidades” e de “desenho universal” e tornando inclusivas todas as estruturas da sociedade no mesmo nível de importância.” (CORDE, 2008, p.88)*

A partir desse documento extraído das reuniões realizadas na cidade de Brasília, e que atualmente vem se tornando referência no assunto do trato das Pessoas com Deficiência, é possível verificar a exigência tanto do cumprimento das leis no que dizem respeito à Acessibilidade, quanto em relação à demonstração de grande preocupação com a qualidade desses serviços e recursos oferecidos; ao atribuir ainda a conotação de universalidade de direitos, não excluindo nem evidenciando a condição da deficiência.

De fato, a partir da Convenção, torna-se evidente que todo processo de transformação é lento e exige mudanças, não apenas nas leis e na política, no contexto

social, mas também no que se refere às atitudes das pessoas; muito mais difíceis de serem mudadas! O procedimento de ratificação e implementação da Convenção não pode ser apenas um ato burocrático, mas um processo educativo, informativo e, sobretudo, participativo.

O que vem contrariar essa participação é justamente a segregação, a exclusão, visto que esses processos marginalizam a pessoa em qualquer ambiente, dificultando a aproximação e o contato natural. A interação e convivência são reguladas por estereótipos, tabus, ideias míticas e pré-concebidas. As pessoas entram em relação com a deficiência do outro, como se o outro fosse produto resultante de uma escala de produção seriada em que se generalizam condutas e procedimentos, criando protótipos e figuras imaginárias projetadas da imagem do deficiente que parece não comportar o heterogêneo e a individualidade. Ao conseguirmos vencer tais imposições, a deficiência será assimilada com naturalidade e a consideração de normalidade poderia ser aplicada realmente a todos.

Existe coerência entre os estudiosos ao afirmarem que os problemas de ajustamento social de indivíduos com deficiência ocorrem mais em função das atitudes das pessoas do que propriamente da deficiência em si.

No relacionamento social da pessoa com deficiência podem ser identificadas atitudes diretamente opostas, pois enquanto algumas pessoas parecem desconsiderar totalmente as limitações provenientes da deficiência, outras acabam superprotegendo, auxiliando quem apresenta certa dificuldade na realização de atividades que ela poderia fazer sozinha; quando o outro extremo acaba sendo o abandono diante de situações em que o deficiente precisaria de ajuda. Pode-se observar claramente que os dois extremos demonstram certa inadequação de atitudes que não propiciam o desenvolvimento dos indivíduos – seja do deficiente em seu processo de Reabilitação, seja da própria sociedade, que acaba por não se beneficiar pela convivência com as peculiaridades humanas.

As pessoas com deficiência têm que tomar consciência de suas limitações, o mais precocemente possível, pois isso lhes possibilitará a construção de novas possibilidades para o seu desenvolvimento, levando-as a ajustar sua personalidade à vida em comum das pessoas sem limitações aparentes.

Atualmente, as pessoas com deficiência descrevem, a partir de suas experiências, como as barreiras econômicas e sociais têm obstruído sua participação plena na sociedade. Essas barreiras estão espalhadas a tal ponto que impedem a garantia de uma

boa qualidade de vida para todos. A maioria das pessoas com deficiência, normalmente, não tem acesso à prática esportiva, de lazer, recreação, turismo, empregos formais, ou mesmo de fazer suas próprias escolhas, relacionadas a com quem morar, conviver, se relacionar.

Há barreiras arquitetônicas que impedem e dificultam o acesso físico e pleno aos ambientes e serviços; barreiras atitudinais na sociedade como um todo e, especialmente, em profissionais com poder de decisão política, mas ainda preconceituosos a respeito dessa parcela da população, e que por isso deixam de abrir oportunidades para elas no campo da saúde, da educação, da cultura, da ação social, do esporte, do lazer e do turismo. Há também barreiras comunicacionais da não sinalização de locais (para pessoas com deficiência visual), a não contratação de intérpretes da língua de sinais para deficientes auditivos; barreiras instrumentais nos aparelhos, equipamentos, ferramentas e outros dispositivos que fazem parte dos locais que, tradicionalmente, ignoram as limitações físicas, sensoriais e mentais das pessoas com deficiência; e, por fim, barreiras pragmáticas nos decretos, leis, regulamentos, normas, políticas públicas, barreiras estas praticamente invisíveis, não explícitas, mas que, na prática, impedem ou dificultam para certas pessoas a utilização de serviços disponíveis na sociedade.

Diante de tantas “faltas” e necessidades, vale a pena enfatizar que:

*“... o grande desafio é a construção de políticas públicas que – considerando as deficiências como diferenças humanas e sem reduzi-las a uma questão técnica – garanta justiça social, igualdade de oportunidades e o exercício das diferenças. O processo de inclusão/exclusão social implica um ajuste mútuo. Cabe à pessoa com deficiência a manifestação com relação às suas necessidades e à sociedade a implementação de ajustes e providências necessárias para possibilitar o acesso imediato e definitivo à convivência em um espaço comum não segregado. O mais importante é a constatação que não basta simplesmente realizar um processo de inclusão, mas atingir as causas, isto é, atuar nos processos que geram exclusão.” ( CNBB, 2006, p.75)*

Ao contrário de outros setores excluídos, os resultados das reivindicações e a luta do movimento social organizado de pessoas com deficiência ainda são incipientes, talvez por serem muito recentes e pela dificuldade encontrada para superar uma prática social assistencialista e paternalista, que historicamente tem sido vinculada a essa parcela da população. Nessa realidade, a mídia em geral vem consagrando um espaço crescente às ações e políticas públicas, bem como as práticas de inclusão das pessoas

com deficiência. A temática tem sido abordada em matérias especiais, em personagens de novelas (em que deficientes físicos, sensoriais e intelectuais têm atuado e conquistado grande simpatia do público), em campanhas educativas e de esclarecimento. A existência do desrespeito aos direitos das pessoas com deficiência são denunciados em reportagens, da mesma forma que são destacadas ações positivas. Também são promovidos espaços para a divulgação de materiais criados por associações e movimentos ligados às pessoas com deficiência.

A mídia, ao mesmo tempo em que divulga um ideal competitivo de corpo e saúde perfeita, de consumismo e individualismo, também representa um espaço fecundo para sensibilizar a população, o universo político e os dirigentes do país para a necessidade do estabelecimento de políticas públicas voltadas a esta parcela da população. A transformação necessária para a inclusão social não depende apenas de ações pontuais, específicas e momentâneas. É preciso continuidade no desenvolvimento de políticas públicas articuladas de forma a contemplar todas as dimensões da vida dessas pessoas. Além de ter em vista educação, saúde, assistência, trabalho, cultura, transporte e lazer, trata-se também de uma questão de cidadania, de uma responsabilidade de todos.

## CAPÍTULO 2

### JORNALISMO; NOTÍCIA, INFORMAÇÃO, CONHECIMENTO

Comunicar-se não é um privilégio apenas dos seres humanos; também os animais o fazem com muita propriedade, tendo cada espécie uma forma específica “de enviar mensagens,” ainda que de forma instintiva, tendo como objetivo, muitas vezes, questões de sobrevivência – busca por alimentação, manutenção da segurança, transmissão de “aprendizagens” da espécie aos filhotes, conquista de parceiros para o acasalamento, escolha do líder para o bando – quando é o caso. Tudo isso exige um certo nível de comunicação entre os animais, mesmo estes sendo considerados biologicamente irracionais!

No entanto, é a comunicação Humana capaz de transmitir não apenas comportamentos típicos da espécie, mas também – e principalmente – ideias, emoções, já que se trata de uma comunicação dotada de criatividade, algo inexistente no ato comunicativo dos demais animais.

Desde que o homem começou a viver em sociedade, passou a desenvolver sua capacidade comunicativa, primeiramente a oral, depois a baseada em símbolos; desenhos que foram se modificando.

*“O homem não começou a escrever com tinta e pena sobre o papel, começou sim, riscando sinais na argila úmida com um bastão pontiagudo ou com um pedaço de junco. A transformação da língua falada para a escrita foi uma conquista do homem que evoluiu durante séculos, das pinturas aos símbolos até chegar a um complexo sistema em que formas abstratas representam sons articulados.” (GIL, 1999, p.243)*

E o que tudo isso tem a ver com a questão das notícias, do Jornalismo, da ideia de desenvolver um tipo de comunicação cada vez mais elaborada?!

Mussalim (2003) considera que: “... toda produção de linguagem pode ser considerada discurso”, complementando pois, que a Linguagem abrange as mais variadas formas de Comunicação entre as pessoas.

Na verdade, se o contexto comunicativo for analisado de forma isolada, parece mais um relato de evolução histórica de mais uma conquista da sociedade, porém, ao analisarmos esses dados focando a necessidade, ou melhor, “o problema” que antecedeu a busca da solução, que, no caso, foi a comunicação formal, pode-se dizer que havia um

determinado anseio para que esse entrave fosse realmente solucionado. De maneira simplista, pode-se dizer que socialmente, o jornalismo, havia um “vazio comunicativo”, o qual a escrita veio preencher.

E assim, sabendo que o objeto de estudo implica algo muito almejado e de grande utilidade social, não é necessário então, reafirmar a importância da escrita para as pessoas. Em se tratando da área da Comunicação Social, em especial, a escrita constitui em uma ferramenta<sup>1</sup> imprescindível de trabalho, em que, por meio dela (da escrita), as ideias, representadas por notícias, podem ser compartilhadas com um número cada vez maior de pessoas.

Baccega (1998) é capaz de traduzir essa ideia de que a escrita, o texto não é uma atividade, um produto isolado na sociedade, mas que: “... *refletindo sobre a necessária articulação da comunicação com as outras áreas do saber, sendo que hoje as ciências humanas e sociais estão efetivamente incorporadas ao campo da Comunicação...*” (Baccega, 1998, p.36). E assim, a essa articulação de áreas de conhecimentos, deu-se o nome de interdiscursividade, quando então há cruzamentos de saberes, expressos em diferentes formas de Linguagem.

À medida em que se foi tendo a noção do quanto mais elaborada foi ficando a escrita, e conseqüentemente a forma pela qual as notícias passaram a ser transmitidas, foi aumentando também o número de pessoas que começaram a ter contato com essa comunicação, feita agora de uma maneira mais elaborada. E quanto mais olhares que lêem, ouvidos que ouvem a notícia, e mentes que pensam sobre elas, aumenta também a responsabilidade de quem trabalha justamente na organização dessas notícias.

Então, não basta somente saber escolher os assuntos que mais interessam aos ouvintes, leitores e telespectadores, é preciso também garantir a compreensão dessas ideias. Gráficamente falando, quando se trata da Comunicação impressa, há uma preocupação com a legibilidade das palavras, entendendo ser este o primeiro requisito necessário, antes mesmo da decodificação de significados até chegar na compreensão propriamente dita.

Recursos tais como tipo, tamanho e cor das letras (ou fontes) são observados, mas também passam pelo crivo do produtor de notícias o espaçamento entre as palavras e frases, bem como a harmonia que deve haver entre a escrita e algum outro elemento

---

<sup>1</sup> Não significa que consideremos a linguagem como um mero “instrumento de comunicação”, como veremos no capítulo a seguir

gráfico – no caso uma ilustração ou foto, construindo, com isso, um espaço harmônico e convidativo para a leitura.

Silveira (2003) coloca que:

*“... é impossível não ter curiosidade com o arranjo de uma publicação desconstruída. No primeiro momento de observação, ela até pode ser atrativa, bonita, com suas cores, fotos, textos e ilustrações. Mas esta beleza não faz com que se tenha uma leitura confortável.” (SILVEIRA, 2003, p.43)*

Uma das particularidades do Jornalismo Impresso é justamente “a distância” entre o produtor da notícia, no caso o jornalista, e o leitor, que vem a ser o receptor, por isso é que deve haver a preocupação de esclarecer ao máximo aquilo que está sendo exposto, apresentado, não no sentido de menosprezar a capacidade compreensiva de quem lê, mas pensando que, caso houver dúvidas, as fontes da notícia não estarão próximas a fim de elucidar o mal-entendido; ou mesmo se por acaso for possível essa interatividade, tal contato também será feito sob a forma escrita e, com isso, a resposta tende a demorar a chegar; aí, sim, comprometendo a compreensão das ideias.

Já no caso da mídia televisiva ou radiofônica, essa interatividade acontece de maneira mais dinâmica, e atualmente, inclui-se nesse grupo o Jornalismo feito através da Internet, em que, a palavra de ordem é realmente a dinamicidade e a interatividade: trata-se do contato em tempo real.

Até mesmo na escrita feita de maneira não profissional, como por exemplo, a escrita de uma carta para um amigo ou familiar, quando esta é redigida utilizando recursos esteticamente não agradáveis, como uma caligrafia de difícil leitura, ou então contendo muitos erros ortográficos, quase inconscientemente acontece a desmotivação em querer ler o conteúdo ali expresso. Tal desinteresse chega até a ser maior que a própria curiosidade em querer saber o teor da mensagem.

Marques (2003) afirma que:

*“O texto, como um todo, exige “exatidão” (para não enganar o leitor); “clareza” (para que ele entenda o que lê) e “concisão” (para não desperdiçar nem o tempo dele nem o espaço do jornal, isto é, “tudo que pode ser dito em uma linha não deve ser dito em duas”). (MARQUES, 2003, p.8)*

De acordo com o explicitado pelo autor, cai por terra aquela ideia de que é a quantidade que faz a qualidade. No jornalismo, especialmente o impresso, a concisão passa a representar, de certa forma, uma “limpeza textual” que favorece e estimula o interesse pela leitura do produto; sim, porque se formos analisar de maneira

mercadológica a questão da notícia, ela compreende mais do que a matéria-prima ( que no caso seriam os fatos) para o jornalista, mas seria mesmo o produto de seu trabalho, representado pelo fino trato da notícia.

De forma instigante, até Silveira (2003) traz em sua obra uma afirmação que pode ser também considerada uma conclusão, neste caso, muito pertinente à situação:

*“Entre os leitores, circula a ideia de que algumas notícias são inventadas pelos jornalistas. A afirmação é verdadeira se tomarmos o termo “invenção” no sentido de ato ou efeito de inventar, criar, descobrir, encontrar.” (SILVEIRA, 2003, p.47)*

O que acontece, na verdade, é que o agente produtor da notícia, no caso o jornalista acaba incorporando, no texto, impressões pessoais, que de tão presentes, acabam por representar “uma outra voz” no texto, já que o leitor, mesmo tendo autonomia de pensamento, acaba tomando por base nuances salientadas pelo jornalista, para só então, arriscar alguma interpretação.

Maingueneau (2005) assume que: *“Um discurso não vem ao mundo numa inocente solitude, mas constrói-se através de um já dito em relação ao qual se toma posição.” (MAINGUENEAU, 2005, p. 16)*

Diante de tal afirmação, pode-se associar que o discurso, no caso o texto sempre sofre interferências, aquilo que já foi dito refere-se então a própria informação textual, e por fim a posição que se toma, o próprio Maingueneau deu o nome de ethos – pois trata-se da imagem que se cria do outro. No caso específico desse trabalho de pesquisa, interessa-nos investigar o ethos de deficiente.

Ressalta-se, ainda, que além de toda preocupação com o estímulo pela leitura da notícia, pelo bom preparo do produto que está sendo oferecido, também é de responsabilidade do jornalista encontrar tais notícias, garimpar fatos. Mais do que isso, não se trata de tomar conhecimento daquilo que acontece ao seu alcance somente; trata-se, pois, de, depois de conhecer o fato, analisá-lo com o intuito de perceber se este fato tem realmente importância social, e só então poder noticiá-lo de maneira trabalhada, ou seja, esteticamente organizada e eticamente bem colocada. Nem tudo que chega às mãos e aos ouvidos do jornalista pode virar notícia.

Sucintamente, porém, sem deixar de ser profundo em suas reflexões, Karam (1997) define que: *“A concepção sobre o jornalismo e a prática profissional está embutida, mesmo que implicitamente, na formulação de frases, conceitos, opiniões... e códigos que indicam como deve agir o jornalista.” (KARAM, 1997, p. 50).*

Se este parágrafo elaborado pelo autor for realmente entendido pelos profissionais da área da Comunicação, seriam, de fato, ficaria abolida toda e qualquer ideia de que a ação do profissional de notícias segue naturalmente a ordem dos acontecimentos do dia. Ao contrário, existe toda uma cadeia de ações que devem ou não ser praticadas, a fim de que venham garantir a idoneidade do que está sendo noticiado e a confiança no próprio profissional que vem a ser, então, o portador dessa notícia.

Talvez, essa confusão toda se dê, imaginando existir uma certa “libertinagem profissional”, devido à própria dinamicidade dos fatos, esclarecendo, no entanto, que o jornalista pode, sim, discorrer sobre todas as coisas, sobre todo e qualquer assunto, no entanto desde que haja um interesse social, seja devidamente averiguado quanto a sua veracidade, seja pesquisado e por fim muito bem elaborado, tanto no sentido do suporte textual quanto de imagens. Poder escrever sobre assuntos diversos, oportuniza ao jornalista promover o crescimento tanto profissional quanto pessoal, isso é fato, e acaba sendo bastante positivo, no entanto, nem mesmo a vasta experiência profissional e/ou de vida que se vai acumulando podem ser usadas como subterfúgio para justificar uma atitude não ética cometida por este profissional. Já que posturas verdadeiramente éticas não estão diretamente associadas à tempo de serviço ou idade cronológica, pois trata-se muito mais de posicionamentos tomados frente a situações conflitantes ou desafiadoras.

Em mais uma citação, Karam (1997) complementa ainda:

*“As concepções mais sistematizadas sobre o jornalismo têm tratado de sua estrutura técnica e, também, da relação desta com os aspectos políticos e éticos – mesmo que incipientes – que a envolvem. Estas concepções reconhecem no jornalismo alguma potencialidade e alguma importância contemporânea, apesar de seus limites atuais. O surgimento e implementação de novas tecnologias e novas técnicas, usadas na confecção de informações, não mudam substancialmente o objeto do jornalismo, a realidade em suas múltiplas manifestações e sua relação com conceitos tais como “interesse público”, “relevância social”, “fato” ou “acontecimento”. No entanto, a reconstrução dessa realidade, mediante o emprego de técnicas específicas e linguagem particular, torna o jornalismo não apenas instância do reflexo de fatos percebidos na dimensão particular do jornalista. Torna o jornalismo, como potencialidade, uma forma de conhecimento social da realidade, a partir da reconstrução cotidiana do mundo.” ( p. 48).*

À medida que mais vai se tentando explicar e esclarecer, tanto a atuação profissional do jornalista quanto a própria função social do jornalista, mais vai-se confirmando a extrema responsabilidade dessa área de trabalho, responsabilidade tanto com aqueles que servem de fonte de informações, sem os quais as notícias não seriam conhecidas ou então confirmadas, quanto com aqueles tantos “desconhecidos” que irão tomar conhecimento do que foi noticiado. O respeito deve, portanto, partir dos dois lados, e para os dois lados, construindo-se, pois, um canal livre de comunicação.

De maneira bem-humorada, Pereira Júnior (2001) tenta descrever a importância dos jornalistas e a visão popular que se tem destes, o que expressa numa crônica sobre o assunto:

*“O jornalista, por definição, é o sujeito que entende de tudo. Quando acontece qualquer problema virou moda chamar o jornalista; até o médico não cura sozinho, doença de ninguém, ele telefona para o jornal e pede auxílio de um jornalista.” (PEREIRA JÚNIOR, 2001, p.54).*

Excluindo-se os exageros que esse tipo de Literatura cronista proporciona, o trecho retrata, ainda que de forma caricata; por um lado, a extrema credibilidade do jornalista perante grande parte da sociedade, e por outro lado, a visão distorcida da real função desse profissional, que não está na sociedade “para resolver”, mas pelo menos para apontar problemas, nem muito menos consegue relacionar-se com “tudo”, subentendido como o todo da sociedade, pois sua relação é com aquilo que se faz notícia.

Ainda relacionando-se com esse “todo,” mais adiante o autor explica que:

*“A fragmentação dos conteúdos e da imagem da realidade social situa-se exatamente entre esses dois movimentos: por um lado, a extração dos acontecimentos do seu contexto; por outro, a reinserção dos acontecimentos noticiáveis no contexto constituído pela confecção, pelo formato do produto informativo”. (WOLF, 1994, p.219).*

Filosoficamente até, fica muito difícil acreditar que o “todo”, do conhecimento, da informação, ou mesmo das notícias já elaboradas, possa, de fato, ser noticiado, compreendido e até desejado pelas pessoas. Portanto, pensando assim, o profissional das ideias não deve se sentir culpado por justamente não conseguir atingir “esse todo”; até porque se trata de uma mensuração um tanto subjetiva a cada um – sendo assim, praticamente impossível ser avaliado pelo campo da Comunicação Social.

Sendo mais fácil, sim, e também mais funcional, avaliar o impacto causado pelas notícias que foram transmitidas do que ficar apenas imaginando o que poderia ter virado notícia e não virou. Até porque, quando fosse possível terminar determinada análise e ficasse comprovado que a notícia deveria ter sido publicada, até que se desse conta dos trâmites legais, a notícia já estaria sendo considerada “velha”, ultrapassada.

Karam (1997), brilhantemente, coloca que:

*“A cada momento em que se investiga um acontecimento, que se divulga uma declaração, que se edita um fato, está presente a decisão humana com base em critérios jornalísticos[...] Esse conflito é permanente, e é tarefa para os jornalistas encontrar incentivos para a reflexão calma e o julgamento não precipitado, que são tão poderosos quanto as pressões competitivas, e acabam por resultar publicações impensadas.” ( p. 88).*

Dependendo do tipo da pessoa que estiver diretamente ligada com as questões “O que publicar?” “Como publicar?” e “Por que publicar ?” ela pode agir de maneira que venha atingir certos Valores pessoais ou sociais através do trabalho de seleção das notícias; ou então essa mesma pessoa pode se sentir frustrada por não ter conseguido abranger todo o mundo da informação.

Por fim, a responsabilidade do jornalista vai além do que simplesmente noticiar, recontar um fato. Na verdade, ele participa de todas as etapas de preparação, até transformar o acontecimento em algo proveitoso, prazeroso e dinâmico.

## CAPÍTULO 3

### DISCURSANDO A ANÁLISE, ANALISANDO O DISCURSO

Seria uma ação incompleta, ou mesmo incoerente, propor um trabalho de pesquisa, no qual se pudesse analisar uma amostra de material impresso publicado em jornais e revistas sem, no entanto, se deter a um capítulo próprio dedicado a retratar sobre a Análise do Discurso. Trata-se, pois, de um assunto amplo que pode assumir diversas dimensões segundo as intenções, os objetivos que se tem levantado, bem como também, os materiais que se tem em mãos.

Vale ressaltar, porém, que embora haja amplitudes e variações, há um cerne de ações e ideias que precisa ser respeitado para que o trabalho em si não seja descaracterizado por falta de conhecimentos técnicos e/ou critérios de organização, análise e avaliação.

Mussalim (2003), em sua obra concorda que:

*“Falar em Análise do Discurso pode significar, num primeiro momento, algo vago e amplo, praticamente pode significar qualquer coisa, já que toda produção de linguagem pode ser considerada “discurso”. No entanto, a Análise do Discurso (...) inscreve-se num terreno em que intervêm questões teóricas relativas à ideologia e ao sujeito.” (MUSSALIM, 2003, p.102, 110)*

Mussalim (2003) inicia a afirmação assumindo a posição de amplitude e falta de significação que pode ter a Análise do Discurso, para só posteriormente, redimensionar esse conceito como sendo relacionado às questões ideológicas e ao próprio indivíduo. Reforçando que, na citação acima, o termo “amplo”, dentro do contexto inicial apresentado está relacionado à falta de delimitação do assunto.

No entanto, após pesquisas, estudos e discussões foi possível pontuar tanto o indivíduo quanto as ideologias pertinentes à sociedade como norteadores do processo linguístico de análise textual.

*Neste sentido, “... a linguagem é a materialização do discurso e carrega consigo as manifestações ideológicas de ordem sócio-histórica enunciadas pelos sujeitos do discurso. O contexto sócio-histórico contribui essencialmente para parte da construção de sentido de um enunciado e não deve ser considerado como um mero acessório, já que para a Análise do Discurso, os sentidos também são construídos*

*historicamente. Assim, a linguagem é a materialização do discurso e carrega consigo as manifestações ideológicas de ordem sócio-histórica enunciadas pelo sujeito do discurso. Assim, o discurso ou qualquer enunciado estão relacionados com o contexto e a situação em que foram produzidos.”*(MUSSALIM, 2003, p.15)

A linguagem é um espaço “conflituoso de confronto ideológico” que não pode ser estudada fora das condições de produção, já que é constituída dos aspectos históricos e sociais. Assim, a Análise do Discurso ao se propor analisar o discurso, analisa-o ultrapassando os aspectos formais, aprofunda-se em aspectos extradiscursivos, a fim de chegar à construção de sentidos, considerando o contexto social, histórico e ideológico em que o discurso foi produzido.

Uma das principais razões de se desenvolver um estudo voltado para a Análise do Discurso foi o fato de a linguagem ser vista como um processo de interação social e que é por meio dela que o homem pode ter a capacidade de construir significados da realidade que o rodeia e que seus valores, seus pensamentos são reflexos dela, até mesmo suas ações são condicionadas por uma série de fatores que demonstram sua forma de pensar. Diante dessa perspectiva, vemos que o discurso é o meio pelo qual o processo de interação verbal se concretiza, ou seja, o discurso é a palavra em movimento.

Portella (1976) é enfático ao afirmar que: *“Todo conhecimento que pretenda ultrapassar os limites de uma pura ingenuidade tem por dever organizar-se metodologicamente”* (PORTELLA, 1976, p. 43)

O autor define como “ingênuo” o saber empírico, quando ainda não está elaborado pelo estudo, delimitado pela contextualização. Especificamente este autor se refere ao conhecimento já sistematizado, como sendo “organizado metodologicamente”.

Apropriadamente utilizada, ingenuidade é o sentido que pode ser dado ao sujeito, que por algum motivo não adquiriu determinado conhecimento, por essa razão, permanece ingênuo, desconhecido em relação a este sistema de informações.

Em linhas gerais, a informação pode ser assim encarada, como algo a ser desvendado, conhecida ou não; já a ideologia – que por sua vez representa uma das nuances da análise do discurso – pode ser explanada como propõe HAK (1993):

*“A ideologia não tem exterior (a ela).”* (HAK, 1993, p.33). E isso significa que aquilo que poderia ser considerada como exterior, ou seja, o que define, dá forma, é incorporado pelo sujeito. Pois se não existe sujeito capaz de viver desprovido das

influências – positivas ou negativas – da ideologia, da mesma forma, não há razão de existir Ideologias, se porventura não houvesse as pessoas que pudessem, por meio de suas vivências, de suas escolhas, dar forma, dar sentido às ideologias.

Sob esse olhar de que a ideologia permeia o sujeito, e o sujeito não vive desprovido de ideologias, o conhecimento pode ser entendido como:

*“As teorias científicas são enunciadas, e como tal, implicam ideologias, uma posição do sujeito. Em suma, toda teoria é ideológica, toda teoria é provisória... Uma teoria pode somente ser mais verdadeira do que uma outra, e não pode ser simplesmente verdadeira. Em outras palavras, o sujeito (...) é o sujeito da ideologia, e não há outro sujeito senão este da ideologia.” (HAK, 1993, p.33).*

Novamente pode-se cometer o equívoco de atribuir o conceito de amplitude, agora, em relação ao termo Conhecimento, que por hora, está sendo utilizado, no entanto, este termo (Conhecimento) diz respeito, neste contexto às informações das quais a sociedade precisa tomar saber, e este processo se dá através da atuação do jornalista. E assim delimita-se termo conhecimento relacionando-o à informação.

Já sob a veracidade das informações veiculadas na mídia em geral, estas, se forem analisadas com o olhar de que nenhuma “verdade é verdadeira” como cita o trecho acima, a profissão “jornalista” cairia em descrédito perante a sociedade. No entanto, é preciso que se atribua uma conotação de dinamicidade à informação, dando a ela um caráter mutável, que muito vai auxiliar o público, seja ele leitor, telespectador ou ouvinte a acreditar que realmente, com o grande fluxo de informações na sociedade em geral, não trabalhar com posicionamentos cristalizados, propicia o desenvolvimento do próprio Homem e da Comunidade, pois há uma rotatividade de ideias a serem disseminadas.

Se a área da Comunicação Social – da qual o Jornalismo faz parte – for então, considerada como “vitrine de informações” para a sociedade, nada mais justo do que reconhecer os acontecimentos como matéria-prima desta profissão. Afinal, o jornalista trabalha com os acontecimentos, transformando-os em notícias; notícias estas capazes de despertar o interesse das pessoas.

E notícias acontecem sempre, a todo momento, em todo lugar há alguém fazendo algo que merece ser noticiado, evidentemente depois de ser analisado, pelos jornalistas, sua veracidade, sua importância social, sua funcionalidade. Na verdade, são tantas

coisas acontecendo ao mesmo tempo, que por essa razão considera-se dinâmico o processo social informativo.

Somente por esta breve explanação, já é possível reconhecer o quão importante é o trabalho do jornalista, pois é ele que praticamente seleciona e organiza essas informações, que se fossem deixadas na sua forma “bruta”, talvez nem conseguissem despertar o interesse das demais pessoas. E por falar em “interesse das pessoas”, em motivá-las, este feito só é possível nesses últimos tempos, graças, justamente, a esta dinamicidade da notícia, associada à interatividade com o público, através das inovações tecnológicas, especialmente, na área da Comunicação; tudo isso só tem evidenciado ainda mais a necessidade social de circulação da notícia e a atuação ética do jornalista.

Lage (1998), aproveitando sua larga experiência profissional no campo jornalístico, expõe com muita naturalidade, algumas dicas necessárias para serem seguidas por aqueles que, principalmente, estão iniciando na carreira jornalística.

*“... Por isso, quem quiser ser jornalista deve ler por hábito e manter-se informado; freqüentar bons autores, a gramática e o dicionário; contar por escrito o que vê e pode ser interessante para alguém; resumir documentos; interrogar pessoas; colher e processar informações; vencer a inibição; cuidar de ser confiável. Tudo isso até ficar bom, muito bom, perfeito.*

*Articulada com uma série de outros conhecimentos sobre a sociedade, a linguagem, a ideologia e a tecnologia dos veículos, a descrição estrutural pode, no entanto trazer ganho apreciável, embora menos imediato: ajuda a entender o processo de produção, portanto, a saber lidar com ele e até onde é possível modificá-lo.” ( LAGE, 1998, p.45)*

Utilizando palavras simples, o autor soube explicar a questão da formação profissional, sem se deter somente à questão da formação universitária, mas focando a motivação interior, o posicionamento pessoal que deve haver para que o indivíduo consiga acompanhar as exigências e inovações do campo profissional que escolheu para dedicar-se.

Incutida nessas expressões aparentemente simples, que soam algumas vezes até como exemplos, esconde-se uma certeza de que é preciso abastecer-se de informações que já foram elaboradas por outros “autores”, seja em forma de letra de música, de textos de gêneros variados, de programas de rádio e televisão, dos quais não somente os jornalistas, mas toda sociedade em geral, deveria abastecer-se, para a partir desse exercício ir praticando a elaboração e a (re)elaboração daquilo que lê, ouve, assiste;

elaboração esta, que se não houver a necessidade de ser escrita, ao menos então, que seja a nível mental

Novamente, essas indicações de práticas de observação, leitura, escrita, bem como também mudança de postura pessoal, e até busca da ética profissional; nos remetem novamente a ideia de agilidade nos acontecimentos e na organização mental, necessidade de improviso de atitudes; é como se ao autor já estivesse prevendo as exigências do mercado, sem esquecer, também, do caráter técnico da ação, quando sugere o uso de gramática e dicionário.

Para qualquer trabalho na área das Letras, seja ele de cunho criativo ou de (re)elaboração, faz-se necessário que o encarregado dessa ação, ou seja, o autor do trabalho esteja a par das tendências da escrita atual, bem como tenha conhecimento do perfil do público para o qual seu material será destinado. Ideias cristalizadas não necessitam de tanto empenho pessoal, de tanto exercício mental, no entanto também não oportunizam tanto crescimento.

Há de se convir, pelo que já foi abordado até aqui, que independente da ação social praticada, do perfil pessoal e dos meios utilizados para se alcançar o desenvolvimento da capacidade analítica do discurso, sem dúvida nenhuma, que o indivíduo se faz presente em todas as frentes, já que é para ele (indivíduo), e por ele que toda estrutura linguística é organizada. O sujeito é, portanto agente e resultado do próprio processo que está inserido.

Mussalim (2003) já afirmou anteriormente que uma das premissas necessárias para que haja, de fato, a Análise do Discurso, é a presença do indivíduo. Nesse caso, ela mesma, apresenta uma definição de indivíduo que muito se encaixa nesse contexto que vem sendo aproveitado “...a identidade do sujeito *lhe* é garantida pelo lugar do Outro, ou seja, por um sistema simbólico, que nada mais é do que um significante do Outro.” (MUSSALIM, 2003, p.108)

Essa afirmação reforça a ideia de que produzimos para os Outros, a qual vem muito a calhar nesse momento, já que toda análise, independentemente da intenção das mesmas ou dos materiais disponíveis, são feitas como um reflexo do Outro, assim como também os outros fazem por nós. Todas as profissões agem dessa maneira; ninguém trabalha para si, ninguém se esforça por ele mesmo, tem-se o intuito maior da produção social; do que somos capazes de produzir e modificar por meio do nosso trabalho, das nossas atitudes, e até mesmo da nossa postura pessoal; um ambiente ou então uma pessoa.

Em se tratando da Análise do Discurso, esta é imprescindível por ter a responsabilidade de apresentar aos demais o que está além das palavras.

Mussalim (2003) define o papel do analista da seguinte maneira: “*A tarefa do analista seria a de fazer vir à tona, através de um trabalho na palavra e pela palavra essa cadeia de significantes, essas “outras palavras”, esse discurso do Outro.* (MUSSALIM, 2003, p.107).

Esse trabalho árduo, minucioso, de análise do discurso, tem realmente uma razão de ser, pois é a possibilidade que se tem de apresentar um novo olhar àquelas pessoas que ainda não se habituaram a ler um texto com mais profundidade e tentar descobrir os sentidos mais profundos daquelas palavras ou expressões ali colocadas.

O que aqui foi caracterizado como “hábito” no caso, de aprofundar o sentido da leitura textual a partir da leitura do mundo que cada um é capaz, pode ser explicado de maneira mais simples, pois assim como o aspecto físico precisa de exercícios frequentes para manter-se saudável, a área intelectual igualmente necessita de estímulos (no caso, leituras diversas) para que as pessoas possam, cada vez com mais facilidade identificar os vários sentidos existentes em um texto. Porém, quando se fala em descobrir sentidos, não quer dizer interpretar aquilo que se lê segundo o que lhe convém, mas apresentar argumentos coerentes referentes aquilo que se quer retratar; sendo que a base para esses argumentos está justamente nas leituras que se faz!

Um texto não tem significado único, no entanto, nem todos que o utilizam como instrumento de comunicação conseguem absorver a mensagem que está, muitas vezes, implícita nas palavras. Tal dificuldade (ou mesmo incapacidade) pode ser analisada como algo mais profundo, a não compreensão de que a língua é que dá sentido ao material.

E é justamente no espaço entre o materialismo significativo da língua e os sentidos que se atribuem a ela é que vai trabalhar a análise do discurso, já que é o discurso que se materializa nos textos verbais e não-verbais, dando sentido às ideias.

Saber, de fato, compreender aquilo que está sendo dito pelo autor, não significa se apoiar na quantidade de material lido, mas ter em mente que quando se escreve ou se diz algo, quem o faz (ou melhor, o autor) está envolto, enquanto sujeito que é, numa atmosfera repleta de Ideologias, nas suas considerações pessoais (sinceras ou não), que acabam então sendo expressas em seus produtos textuais.

A produção de tudo que se lê, que se ouve, que se escreve, é dinâmica e praticamente contínua na sociedade, porém, ao se referir à análise discursiva, esta deve

focar em mostrar (ou induzir) o receptor da mensagem a interpretar além do que as palavras podem dizer.

## CAPÍTULO 4

### ESCREVENDO SOBRE A DEFICIÊNCIA...

Se ter uma deficiência implica ter que conviver com uma série de limitações no que se refere à execução de atividades cotidianas, para tratar da deficiência, seja na área da Reabilitação ou mesmo da Informação, faz-se necessário, já em primeira instância, compreender as peculiaridades que envolvem essa condição em si, reconhecendo, antes de mais nada, haver uma pessoa que justamente quem caracteriza tal situação.

Por essa razão até, na Conferência Nacional das Pessoas com Deficiência, realizada em Brasília, no período de 12 a 15 de Maio de 2006, instituiu-se a denominação “Pessoa com Deficiência” (PCD) para designar tal grupo, isso levando em consideração que a Pessoa (no seu caráter humano universal) deve vir sempre antes da sua Deficiência, independente de quão grave ela seja. Por essa iniciativa popular, aprovada em Plenária, pretendeu-se reforçar a constatação de que a deficiência, seja ela física, sensorial, intelectual ou múltipla, não passa de uma característica de quem a possui, no entanto, essas pessoas não são por completo, deficientes, mas, melhor dizendo, apresentam, sim, determinada limitação em alguma/ou algumas das áreas do desenvolvimento humano, que para os não deficientes, não foram, portanto, afetadas, não sofreram alterações ou intercorrências.

Não é preciso receio nem mimos quanto à denominação a que se deve referir a Pessoa Com Deficiência (PCD), sendo este, então, o termo atualmente aceitável. Considerando, talvez em mais uma tentativa dos militantes da causa de unificar o termo, com isso, sanar dúvidas e acabar eliminando denominações usadas erroneamente, de forma pejorativa, como débeis ao se referir aos deficientes intelectuais, paráliticos para os deficientes físicos, cegos para os deficientes visuais ou então surdos-mudos para os deficientes auditivos, sabendo que estes nem sempre têm a limitação auditiva associada à ausência de fala. Da mesma forma, existe a tentativa de abolir a utilização de termos um tanto quanto delicados usados de forma substitutiva, quando o redator do texto (no caso da comunicação impressa) não sabendo como se referir, no caso à PCD de que está tratando, opta por utilizar termos, tais como “especiais”, “heróis”, “exemplos de superação”.

Não foi difícil encontrar reportagens publicadas em jornais impressos de circulação local e regional, tendo por sede a cidade de Lençóis Paulista. Dentre as

matérias selecionadas, podem ser identificados, já no título, termos específicos associados a PCD, que de certa forma até descaracterizam a real intenção que levou a matéria a ser escrita, por vezes esses termos são tão destacados no decorrer do texto que acabam saindo do foco do assunto que se propôs abordar.

Na sequência, seguem alguns exemplos de matérias cujos títulos exemplificam o ocorrido; as matérias, na íntegra, podem ser lidas nos anexos correspondentes.

ANEXO 1 – Tribuna Lençoense, de 03 de Junho de 2004 traz a seguinte chamada:

*“Luz no escuro”- Sem conhecer a luz, o casal de cegos Claudice e João Grin esbanja alegria e bom humor e dá uma verdadeira lição de vida*



*Sem conhecer a luz, o casal de cegos Claudice e João Carlos Grin esbanja alegria e bom humor e dá uma verdadeira lição de vida*

Figura 2 – Lista de ilustrações

E ainda, complementando a matéria com um box, tem-se:

*“Alegria de viver supera o preconceito”*

**Alegria de viver supera o preconceito**

Figura 3 – Lista de ilustrações

O primeiro ponto que pode ser observado como algo distorcido da realidade é o termo a que se atribui aos dois, “casal de cegos”, ignorando, portanto, o termo Portador de Deficiência Visual ainda utilizado na época. Ressaltando que o termo “cego” deixou de ser oficialmente usado há décadas.

Outra questão a ser apontada: a matéria se apresenta vinculada à Editoria “Cidadania”, mas acaba enfatizando um aspecto, a cegueira, que seria mais pertinente à Editoria de Saúde.

Se deficiência não é condição específica de Cidadania, por que enquadrá-las como se ambas se associassem?

No contexto dos entrevistados dessa reportagem, excluindo-se o fator da deficiência em comum a ambos, não há nada que os diferencie dos demais casais sem filhos, de classe média-baixa, que moram em cidade pequena e fazem alguns “bicos” para complementar a renda familiar, são atuantes no grupo religioso de que fazem parte. Então, se tudo é assim, dentro dos padrões da maioria da sociedade, por que viraram notícia, a não ser pela questão da deficiência que os diferencia da maioria das pessoas? Inconscientemente, vê-se representada uma outra vertente do preconceito; este associado à questão da manutenção dos laços familiares, mais especificamente voltado à área da sexualidade. Já que, para muitas pessoas da sociedade, pairam dúvidas em relação ao relacionamento conjugal de duas pessoas com deficiência, especialmente quando essas duas pessoas apresentam a mesma deficiência, a mesma limitação – como é o caso dos entrevistados.

Ferraz (2002) conseguiu representar muito bem, por meio de cartun, esse pensamento social enraizado, por ele chamado de “*tabu social*”. O cartun pode ser observado no ANEXO 2.



Dando continuidade à observação e análise dos títulos de algumas matérias, tem-se, na mesma edição do Jornal:

ANEXO 3: Tribuna Lençoense, de 03 de Junho de 2004, sob a editoria “Deficientes”, a matéria que trata do aniversário de 33 anos da APAE de Lençóis Paulista, citando também o Jubileu de Ouro do Movimento Apaeano no Brasil.

Bem, se esses seriam os assuntos abordados no texto, como se explica o título do mesmo ser “*Muito especial*” ?!



Figura 5 – Lista de ilustrações

Fora isso, ainda tem-se a constatação dos alunos da entidade serem tratados como “*portadores de necessidades especiais*”. Sendo que o texto base que serviu para aprovação do Decreto Federal nº 5.296 de 2 de Dezembro de 2004, em seu artigo 1º, considera que:

*“Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.” (BRASIL, 2008, p.141).*

Não havendo mais, portanto, nesta data da publicação da matéria, qualquer indicação de uso do termo “portadores de necessidades especiais”; que em tempos mais remotos até foram utilizados, mas, depois, acabou caindo em desuso pela incoerência de significados dos termos nessa expressão; sendo que: “portador” refere-se àquele que carrega algo, e, à medida que carregamos algo, quando não mais o queremos podemos nos separar dela, o que não é o caso da deficiência, que uma vez instalada, em geral seus efeitos persistem, em maior ou menor intensidade na vida do indivíduo. Outra palavra que merece um certo cuidado na sua utilização para designar a deficiência é o termo “especial”, que de certa maneira acaba diferenciando os indivíduos como se esses tivessem um “algo mais” que justificaria então, tal especialidade. O que não é necessariamente verdade.

Até mesmo uma jovem com Síndrome de Down, Ilka Farrath, entrevistada pela revista “Sou mais eu!” edição nº 01, de 23 de Novembro de 2006, afirma que: “*Eu sei*

*que não sou melhor nem pior do que ninguém, só um pouco diferente.*” Não se autodenominando “especial”, porém, reconhecendo sua diferença perante as demais garotas de sua idade.



Figura 6 – Lista de ilustrações

No caso da matéria que compreende o ANEXO 3, além de ser usado o termo “especial”, este é reforçado, ainda no título, pelo advérbio de intensidade “muito” – ficando, pois, “muito especial”.

ANEXO 4: Tribuna Lençoense, de 22 de Outubro de 2005

Na ocasião, o caderno Foco trouxe os resultados obtidos nos Jogos Abertos do Interior, pelo paraatleta local José Carlos de Oliveira, conhecido como Baixinho, sendo o título da matéria: **“Baixinho: Um exemplo que vale ouro”**

## Baixinho: Um exemplo que vale ouro

Figura 7 – Lista de ilustrações

Diretamente, o título da entrevista não dá pistas de que se trata de uma quebra de recordes no que se refere ao número de medalhas conquistadas pelo indivíduo que, antes de ser deficiente, ou, apesar de ser deficiente, é atleta; treina para isso! Aliás, ele treina para ser atleta, mas não precisa se empenhar para ser deficiente... isso já faz parte de sua vida.

No decorrer da entrevista, outros assuntos – além das competições esportivas – foram abordados, tais como: postura pessoal frente à deficiência, dificuldade em obter materiais adequados para treinamento, e até o problema da acessibilidade na cidade. Mesmo assim, o título da matéria enfocou somente a atitude desse cidadão (deficiente) como um exemplo a ser seguido, reforçando, pois, essa questão da “perfeição pessoal, do modelo”, como se a ideia fosse trabalhar a compensação – já que não há a perfeição física, busca-se mostrar, então, a perfeição pessoal.

No mesmo dia da matéria do ANEXO 4, um outro jornal da cidade também noticiou sobre as competições paraolímpicas do Interior, novamente sendo focada a

postura pessoal dos deficientes, deixando em segundo plano a questão de serem atletas e estarem treinando para serem reconhecidos por isso.

ANEXO 5: Folha Popular, 22 de Outubro de 2005

Um primeiro fato que chama atenção é que, apesar desse jornal possuir um caderno de esportes permanente (presente em todas as edições, e cujo foco principal são as competições esportivas locais), tal matéria, se tivesse mesmo o intuito de focar a questão do desempenho esportivo dessas pessoas, seria um tanto quanto coerente que tivesse sido disponibilizada nesse caderno; e não no caderno bem-estar, como foi o caso.

Não ficando muito claro a quem está se referindo esse “bem-estar”, a quem pratica o esporte ou a quem lê a matéria, já que justamente traz como título: **“Medalha de bravura”**.



Figura 8 – Lista de ilustrações

O texto inicia trazendo, especificadamente, os resultados obtidos por cada competidor, depois passa pela falta de materiais específicos para treinamento, mas mesmo assim, o título faz menção apenas à imagem que se quer passar do deficiente, como alguém de garra, de força, esquecendo-se, porém, que estas são virtudes (se assim se pode chamá-las), inerentes a qualquer atleta, independente de ter deficiência ou não. É preciso saber quando generalizar ou não!

Assim, de acordo com a análise discursiva que se propôs realizar neste trabalho de pesquisa, o que pode ser observado é que a utilização de termos que venham atribuir à PCD um caráter de heroísmo, de excepcionalidade (no sentido de estar acima das outras pessoas) não passa do que Maingueneau (2005) chamou em seus estudos de “Ethos”, ou seja, trata-se da capacidade do autor de atribuir características àqueles aos quais seu texto se refere; no entanto, estas características dizem respeito à visão de mundo, à personalidade e ao caráter de quem escreve. Quanto a quem lê, este, num primeiro momento, normalmente tende a absorver essa visão passada pelo autor, de maneira a ler um texto com os olhos de quem o escreveu. É necessário um olhar de analista para observar outros sentidos.

Dessa forma, Maingueneau (2005) afirma que:

*“(...) não existe um ethos preestabelecido, mas sim um ethos construído no âmbito da linguagem discursiva. Assim, a imagem de si é um fenômeno que se constrói dentro da instância enunciativa, no momento em que o enunciador toma a palavra e se mostra através do seu discurso(...)” (p. 38)*

Mais especificamente, Maingueneau (2005) define ethos da seguinte maneira:

*“São traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão: são os ares que assume ao se apresentar [...]. O orador enuncia uma informação e ao mesmo tempo diz: eu sou isso e não aquilo! Assim, diz-se que o ethos liga-se ao orador, através principalmente das escolhas lingüísticas feitas por ele, escolhas estas que revelam pistas sobre seu “eu”. (MAINGUENEAU, 2005, p. 70)*

Analisando essa afirmação feita pelo linguista Barthes, observa-se uma expressão que, num primeiro momento, pode causar certa estranheza, podendo influenciar, então, o receptor da mensagem, e mesmo assim não representar exatamente a postura pessoal sincera do autor, já que este pode, estar apenas transmitindo a postura ideológica do meio de comunicação que representa. Por essa razão, na citação de Maingueneau (2005), após informar que a caracterização informada não precisa necessariamente ser sincera, emenda-se com a ideia de que tudo é feito visando causar boa impressão.

E quem mais, senão os meios de comunicação precisam causar boa impressão ao público?!

A questão é até mais profunda do que ter ou não sinceridade naquilo que se escreve, mas o fato, talvez, mais profundo que mereça atenção especial é justamente, por não saber lidar com o assunto das PCD (no caso, os meios de Comunicação) e com medo de serem taxados como antiquados ou preconceituosos por utilizarem, por exemplos termos pejorativos, ultrapassados ou que desvalorizam, que podem ser entendidos como menosprezo para com esse público, optam, então, por envergar suas referências ao outro extremo, o lado, não da perfeição que isso não seria coerente, mas o lado de atribuir a essa população a característica de possuir “certos poderes” que tornam essas pessoas uma espécie de heróis sociais, dignos de serem apreciados, enaltecidos e servirem até de exemplos para as demais pessoas.

A Revista Sentidos – direcionada principalmente às PCD, publicou em sua edição nº 46 de Abril e Maio de 2008, os resultados de uma Pesquisa denominada “Mais janela que espelho: a percepção dos adolescentes com deficiência sobre os meios de comunicação”, organizada pela ANDI (Agência de Notícias dos Direitos da Infância),

em parceria com a Rede ANDI da América Latina e a ONG Save the Children da Suécia, após inúmeras entrevistas, constatou que

*“ A maioria dos deficientes com deficiência pouco se identificou com o conteúdo da TV, de jornais e revistas. Mais: demonstrou preocupação com conteúdos violentos e apelativos. Em resumo, por se reconhecerem pouco na programação, eles não têm na mídia em geral um espelho e sim uma janela.” (SENTIDOS, 2008, p.72)*



Figura 9 – Lista de ilustrações

Simbolizando aí uma espécie de fuga da realidade, mas não de ajuda quanto à sua identificação e até aumento da autoestima, já que, principalmente na época da adolescência, esse público especificamente busca modelos a serem seguidos através da mídia. Para um adolescente ou jovem com deficiência, a busca pela aceitação da sua própria condição é muito maior, mais intensa, pois na maioria das vezes, a deficiência interfere no aspecto físico do indivíduo; no entanto, emocionalmente, as mudanças internas típicas da adolescência se fazem presentes independente desse jovem ou adolescente ter ou não deficiência.

Nesse contexto, que pode ser considerado até como desigual, a mídia teria, então, uma importante missão; a de ajudar no resgate dessa autoaceitação, caso contemplasse realmente a diversidade humana.

Entre as entrevistadas na pesquisa, pode-se destacar duas citações feitas por duas jovens da capital paulista, uma de 22 (bióloga) e a outra de 16 anos (estudante), ambas cadeirantes, afirmaram respectivamente que: *“Mesmo tendo melhorado, a cobertura da*

*mídia em relação à deficiência continua paternalista, episódica e piegas”; “a impressão é que ainda nos veem como coitadinhos, ETs ou super-heróis”.*

No relato feito pelas jovens, observam-se dois termos que atribuem as afirmações significados comuns; o “continua” e o “ainda”, dando a ideia de que as duas reconhecem que tal situação de exclusão já acontece na sociedade há algum tempo, no entanto isso está mais do que na hora de ser modificado. São termos que demonstram, de certa forma, indignação quanto ao tempo de ocorrência desses fatos, em relação ao descaso da mídia para com as PCD.

Indo mais a fundo na relação da mídia com a deficiência, cita-se o Seminário “Mídia e Deficiência: Diversidade, Cidadania e Inclusão na Imprensa Brasileira” patrocinado pela ANDI, a Fundação Banco do Brasil e a Escola Gente – Comunicação e Inclusão, que ocorreu em Brasília, entre os meses de Janeiro a Junho de 2003, período no qual foram realizadas análises quanti-qualitativas de 1.192 matérias sobre deficiência que circularam em todo Brasil no ano de 2002, cujo resultado principal foi o seguinte:

*O grande desafio, na verdade, é que no momento em que a imprensa tomar consciência da necessidade de evitar abordagens superficiais sobre a questão da Deficiência terá dificuldades em cumprir essa meta, porque simplesmente não sabe como fazer isso. Há necessidade de articular esforços, em nível nacional, para a capacitação de jornalistas no sentido de que não discriminem a agenda das pessoas com deficiência em suas reportagens, reconhecendo a urgência desta pauta. ( ANDI, 2003, p.13)*

Ainda diante dessa conclusão do Seminário, pode-se fazer uma ressalva de uma mudança observada desde o término da análise das matérias em 2003 até o presente, pois, se no final do relatório da ANDI, pedia-se urgência para que fossem, então, citadas, selecionadas e executadas pautas cujo foco fosse a deficiência, hoje, pode-se dizer que houve um aumento da abordagem desse tema, não só pelos meios de comunicação impressos, mas pela mídia em geral – sendo positiva a mudança quantitativa.

No entanto, quanto ao aspecto qualitativo, tais abordagens ainda deixam muito a desejar, já que tratam do assunto com superficialidade, distorção de ideias, ou mesmo mascarando o assunto, usando um “ethos” de que a superação é algo inerente ao deficiente, ele enquanto pessoa encontra-se em “um estágio superior” aos não deficientes.

ANEXO 6: Tribuna Lençoense, de 04 de Junho de 2008

A entrevista é com a então presidente da APAE de Lençóis Paulista, ocupa um espaço privilegiado no jornal e traz um título bastante intrigante:

*“Pessoas normais que cuidam de gente especial”*

## Pessoas normais que cuidam de gente especial

Figura 10 – Lista de ilustrações

Antes de mais nada, faz-se necessário o questionamento que parece até óbvio, mas que não foi feito pelo autor do texto, que seria: Qual é o princípio da normalidade, que nos faz capazes de classificarmos os demais como “anormais”?

E então, para que essa classificação não se torne prática ofensiva, atribui-se novamente ao deficiente a expressão “gente especial”.

Como já foi explanado anteriormente não é a presença da deficiência que torna uma pessoa especial, até porque não se pode negar a presença dos traços de personalidade – positivos ou negativos – que fazem do deficiente uma pessoa completa no que tange aos aspectos da dificuldade ou facilidade de relacionamento, dependendo dos aspectos intrínsecos inerentes a todo ser humano

Além disso, já no 1º parágrafo do texto, o jornalista deixa escapar suas impressões pessoais do local onde foi entrevistar sua fonte, acabando por assumir suas emoções diante do contexto da deficiência.

*“É impossível não se emocionar ao visitar a APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais). Jornalista é treinado para não emitir opinião sobre os fatos, mas quando o assunto é APAE, peço licença aos meus mentores para confessar que não dá para segurar os sentimentos.” (MAGALHÃES, T.L., de 04/06/2008)*

É impossível não se emocionar ao visitar a APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais). Jornalista é treinado para não emitir opinião sobre os fatos, mas quando o assunto é APAE, peço licença aos meus mentores para confessar que não dá para segurar os sentimentos. Quem

Figura 11 – Lista de ilustrações

Haendchen(2006) reconhece que: *“constatei uma falta de aprofundamento nas pautas com foco na deficiência. A maioria delas são notas escondidas pelos quatro cantos das páginas do jornal e que dão continuidade à exclusão social, porque não compreendem o real significado da diferença/deficiência.”* ( HAENDCHEN,2006, p.18)

Esta é uma das constatações a que chegou a jovem jornalista catarinense que se dedicou a analisar durante a Semana de Prevenção promovida pelas APAEs no mês de Agosto, o discurso jornalístico sobre o sujeito deficiente. Diga-se de passagem, uma constatação bastante cabível ao assunto tratado até então.

Ainda na área esportiva, tem-se como título das matérias publicadas:

ANEXO 7: O Eco, de 10 de Julho de 2008

**“Prova de Superação”**

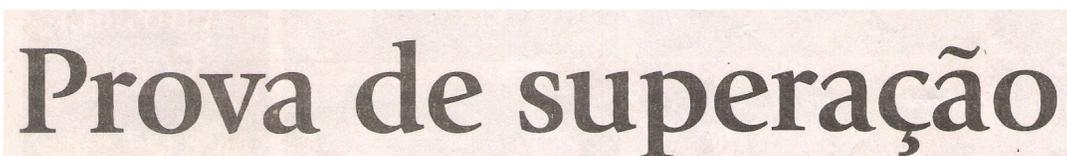


Figura 12 – Lista de ilustrações

A matéria, que faz parte do caderno especial de cobertura dos Jogos Regionais do Interior, aborda o desempenho pessoal dos atletas que compõem a equipe de atletismo e natação para deficientes, no entanto, apesar da intenção ser estritamente esportiva, o título do texto remete a prova de superação (da deficiência por parte de cada atleta para estar ali), não se reportando a provas meramente esportivas.

Alguns dias depois, o mesmo jornal, o mesmo caderno especial, e... a mesma característica atribuída: **“Superação”** (ANEXO 8)



Figura 13 – Lista de ilustrações

Observando a foto (em primeiro plano, inclusive) que acompanha a matéria, vê-se a delegação de atletas da cidade (deficientes e não deficientes) sendo recebidos pelo então prefeito, ao lado, box contendo tabelas com os resultados finais dos jogos. Assim, não se tratava de uma matéria com enfoque exclusivo na PCD, no entanto, foi-se atribuída uma característica inerente a esta parcela da população.

Sem contar que, por considerar a proximidade entre as edições do jornal, e também pelas matérias fazerem parte do mesmo caderno, tornou-se um tanto quanto repetitivo o termo usado como título de ambas as reportagens.

ANEXO 9: Jornal O Eco, de 21 de Julho de 2009

Novamente, no caderno de esportes direcionado na cobertura dos Jogos Regionais, o título da matéria vem reforçar uma condição, já não utilizada socialmente; a de que o deficiente é um alguém especial se comparado às demais pessoas não deficientes.

Nesse caso, o termo especial é ainda reforçado pela expressão “super”, caracterizando, então, o título como:

***“Super especial”***



Figura 14 – Lista de ilustrações

Se o termo especial em si já é compreendido pela sociedade como algo ou alguém diferente, digno de apreciação, quase inatingível, quando associado ao termo “super”, adquire um caráter heróico, supremo, algo que, como já foi citado aqui por uma jovem deficiente inclusive, não tem nada de positivo nisso.

E por fim, a última citação de jornal local traz em seu ANEXO 10, de 03 de Outubro de 2009, no caderno Cartaz do Jornal Tribuna Lençoense, uma matéria com um jovem deficiente visual que exerce atividade formal remunerada. Infelizmente, o fato ainda vira notícia não apenas pela presença da deficiência, mas porque, no Brasil, ainda hoje, é baixo o índice de PCD que exercem atividades laborais formais.

Wesley é um desses deficientes e foi identificado nas páginas do jornal como:

***“Um exemplo de força e superação”***



Figura 15 – Lista de ilustrações

No entanto, se o intuito era enfatizar a questão da inclusão no mercado de trabalho formal, então por que não destacar essa ideia já no título do texto?!

Parece-nos até que ao lançar mão de títulos emotivos para seus textos isso seria uma forma de chamar a atenção do leitor para ler a matéria.

É plausível observar que de todas as matérias citadas aqui, retiradas de Jornais locais, é possível que se, extraindo dos referidos textos seus títulos, eles se encaixem perfeitamente em outras matérias que tratem igualmente da temática da deficiência. Independentemente do assunto que se propõe a tratar, seja ele até indireto à própria questão da deficiência, na hora de chamar a atenção para a leitura, as expressões sempre envergam de maneira quase que apelativa, e única e exclusivamente para a deficiência que o indivíduo apresenta.

Em artigo assinado na Revista Família Cristã de fevereiro de 2005, intitulado “Achemos palavras”, o autor, já conhecido ( como Padre Zezinho), escritor, cantor e membro da Pastoral da Comunicação, Oliveira (2005), conclui que:

*“ Águias feridas nas asas continuam sendo águias, o fato de não mais voarem não as tornam sabiás[...]. O fato de alguém não fazer mais o que fazia, ou nunca ter feito como a maioria faz, não o torna menos pessoa.*

*Achemos palavras. A convivência nos ensinará a usar os substantivos e adjetivos corretos. Não precisamos exagerar nos elogios, nem fingir que não percebemos seus limites, porque eles percebem que não estamos sendo sinceros. Vamos tratá-los como gente normal, porque não ficaram anormais por causa do limite físico. Nós também nos achamos gente normal e não poucas vezes temos grandes limites. Ninguém de nós gosta de ser lembrado dos seus limites. Se não gostamos que os acentuem, eles também não gostam. Toquemos no assunto ( da deficiência) se eles mencionarem. Se o assunto não é o pé, nem é a cabeça, nem o braço, então não falemos deles. Falemos do assunto!” (OLIVEIRA, 2005, p.53)*

# Achemos as palavras



Figura 16 – Lista de ilustrações

Na maioria das matérias encontradas é muito difícil para o jornalista manter o foco da pauta que se propôs a fazer, parecendo até que independente da importância do assunto que iria ser tratado, este assume o lugar de segundo plano perto do infortúnio de alguém ter adquirido ou nascido com uma deficiência.

A exemplo disso, tem-se o ANEXO 11, extraído de uma edição especial, sobre as Olimpíadas do ano 2000, em Sydney, na Austrália. A revista, intitulada Super Especial, traz duas páginas dedicadas às Paraolimpíadas, sendo um dos títulos o seguinte:

**“A vontade faz milagres”**



Figura 17 – Lista de ilustrações

Agora, se a reportagem tinha o intuito de abordar essas pessoas, mesmo com deficiência, como atletas, constitui um grande engano afirmar que apenas “com vontade”, pode-se formar um esportista de sucesso, a nível de competições internacionais como é o caso das Paraolimpíadas.

Se fôssemos transferir esse mesmo título a atletas sem deficiência, isso soaria até mesmo como brincadeira, um grande equívoco, comprovado pelas estatísticas (empíricas, é verdade!), mas que não é difícil encontrar muitas pessoas, em especial jovens, em nossa sociedade, que têm muita vontade de se tornarem atletas, mas sabem que somente isso não basta; há a questão da predisposição física, condições financeiras para poder se dedicar integralmente ao esporte, condições de treinamento, e até a própria oportunidade de ser visto e valorizado!

Com a PCD é a mesma coisa, em se tratando de dificuldades pessoais, sociais, de treinamento, de oportunidades, associado a tudo isso tem-se a questão da acessibilidade de transporte e do próprio local de treinamento; definitivamente não basta só a vontade! Em ambos os casos, seja para os deficientes como para os não deficientes, a vontade precisa estar presente, mas não é um fator único, então por que associar essa vontade apenas a PCD, como se o restante fosse conseguido automaticamente?

Além do mais, há um outro agravante: a utilização do termo “milagre”, que pode ser interpretado sob dois aspectos: a vontade que faz o milagre de um deficiente tornar-se um atleta (algo que há tempos atrás seria inimaginável); a vontade que faz o milagre da cura (como se a superação de obstáculos sociais ou esportivos fosse capaz de tornar

uma pessoa com deficiência um “ex-deficiente”), pois parece até ultrapassado, mas a verdade é que, empiricamente, muitas pessoas na sociedade esperam, almejam a cura repentina das PCD que porventura conhecem, sejam eles seus parentes ou amigos.

Nesse caso, ignora-se por completo os efeitos da Reabilitação cujo intuito é trazer qualidade de vida a PCD, que mesmo continuando a apresentar a deficiência terá mais independência e autonomia para realizar suas atividades de vida diária (AVDs), e quando possível, suas atividades de vida prática (AVPs) sendo que tais conquistas podem ou não estar ligadas à prática esportiva; não havendo relatos, portanto, de eliminação completa da deficiência através da prática esportiva... outro equívoco!

O que importa é que tanto em um aspecto quanto em outro, o termo “milagre” assume uma proporção profunda demais para o tema que se quis inicialmente focar na matéria, afinal de contas, na vida de um esportista, principalmente olímpico, não há milagres, há esforço pessoal, conhecimento técnico, condições dignas de treinamento, tempo para se dedicar aos treinos, patrocínio; tudo isso é uma somatória para que, ao final, se possa ou não chegar à vitória, não havendo, portanto, espaço para milagres.

Nessa mesma matéria, a visão paternalista da deficiência não para por aí; possivelmente pensando em sensibilizar ainda mais os leitores, o jornalista coloca em questão no olho<sup>2</sup> do texto, uma mensagem direcionada exclusivamente aos leitores não deficientes do texto, em tom de interrogação, de querer “fazer pensar”, até mesmo de cobrança:

*“Enquanto você, com tudo no lugar, fica grudado na TV, eles vão à luta nas quadras. Os atletas paraolímpicos provam que não há limites para a disposição de vencer”*

Enquanto você, com tudo  
no lugar, fica grudado na TV,  
eles vão à luta nas quadras.  
Os atletas paraolímpicos  
provam que não há limites  
para a disposição de vencer

**POR MAURÍCIO RIBEIRO**

Figura 18 – Lista de ilustrações

<sup>2</sup> Olho é o termo que, em jornalismo, refere-se ao complemento do Título de uma matéria.

Já na primeira expressão desse trecho, cabe fazer um questionamento capaz de evidenciar o preconceito contido nessas palavras, pois, se está se afirmando que as pessoas sem deficiência “tem tudo no lugar”, automaticamente, está se afirmando então que as PCD “não tem tudo no lugar”. Mas o que pode estar fora do lugar? E que lugar é esse?

Continuando a análise, insinua-se que ficar grudado na televisão é algo negativo, que impede a formação de possíveis atletas, e quem disse que, se as pessoas não ficassem na televisão, seriam atletas? E mais: por que culpar apenas os não deficientes (“os que têm tudo no lugar”) de ficarem assistindo TV, se também as Pessoas com Deficiência assistem a esse meio de comunicação?

Já no final da citação (do olho), pelo contexto, pode-se questionar, qual ser humano não nutre dentro de si, a vontade de vencer?

Novamente, esse não é um privilégio apenas da PCD.

E, por fim, ainda cabe uma interrogação intrínseca ao texto, da forma como foi colocado, chamando os leitores não deficientes “...de você, com tudo no lugar...” Como ficam, então, os leitores deficientes que não são atletas, ao tomarem contato com o texto? Eles não têm tudo no lugar... eles não vão à luta nas quadras... então eles também não têm disposição para vencer?

No decorrer do texto, outros fatores podem ser observados, os quais reforçam a questão de que a deficiência assume o 1º lugar na matéria, e não mais o esporte, como inicialmente se esperava; isso porque todos os atletas entrevistados, antes mesmo de suas modalidades ou marcas pessoais serem divulgadas, tiveram retratados o motivo pelos quais se tornaram deficientes. Essas informações relacionadas às causas das deficiências tornaram-se tão importantes que acabaram sendo repetidas nas legendas das fotos.

Analisar, no entanto, não se limita a apenas apontar falhas, pode-se também (e buscou-se isso neste trabalho), citar reportagens que conseguiram cumprir com êxito aquilo que se propôs a fazer.

No caso, foi escolhida uma matéria com o mesmo tema da anterior, para que se possa estabelecer melhor um parâmetro qualitativo, já que a reportagem que compreende o ANEXO 12 também trata das Paraolimpíadas e foi veiculada igualmente em um veículo de circulação nacional, no caso a “*Revista Isto é*”, de 29/09/2004, que, trazendo informações sobre os Jogos Paraolímpicos de 2004, apresenta-se com o seguinte título:



Figura 19 – Lista de ilustrações

Diferentemente do observado na matéria anterior, este título poderia perfeitamente ser empregado em uma matéria que tratasse de atletas não deficientes.

Outra questão que se diferencia de maneira positiva é o fato de que a dedicação e, conseqüentemente, os resultados obtidos por cada esportista, foi considerada além do empenho pessoal, mas também os avanços científicos e tecnológicos que ajudaram cada um a chegar nas marcas de suas vitórias, sendo assim, nada aconteceu por acaso, por milagre, ou como um passe de mágica, considerou-se o processo de treinamento, os materiais de qualidade utilizados, os treinadores capacitados não só para o esporte, mas também para entender a deficiência em si.

Os resultados obtidos pelos atletas, em cada modalidade, foram considerados, bem como também a evolução histórica atingida pela equipe paraolímpica como um todo desde a edição anterior dos Jogos.

As legendas trazem as marcas pessoais de cada atleta, e o que pode ser considerado mais marcante, é o box que encerra a matéria, cujo título é: **“Eles são atletas, não coitadinhos”**, traz de maneira direta os números – desde recordes, velocidades, e valores monetários que permitem aos paraatletas representarem o país em mais esta edição dos Jogos. Lembrando que, em demais matérias, é muito difícil encontrar dados informativos financeiros relacionados às Paraolimpíadas, como se dinheiro (patrocínio) não fosse importante para se formar um atleta (seja ele deficiente ou não), bastando apenas “e minimamente” superação e força de vontade.

**“ELES SÃO ATLETAS, NÃO COITADINHOS”**

**A**s imagens dos deficientes brasileiros, do esforço das performances ao orgulho dos pódios, remetem à idéia de que tudo é fruto exclusivo da obstinação dos atletas. Eles, os atletas, são de fato modelos acabados de capacidade de superação, os heróis dessa história. Mas as explicações para os resultados, capazes de levar muita gente a se perguntar por que eles ganham mais medalhas do que os olímpicos, vão além da garra. Há dez anos, alguns dos melhores médicos, educadores, fisiologistas e psicólogos de seis universidades públicas brasileiras trabalham para impulsionar o desempenho dessa turma. A experiência, considerada de ponta na preparação paraolímpica mundial, está reunida no kit de livro e fita de vídeo *Avaliação clínica e da aptidão física: conceitos, métodos e resultados*, organizado pelo

coordenador da equipe de avaliação do CPB, Marco Túlio de Mello. O kit foi entregue a cada um dos 136 comitês dos países participantes dos Jogos e, na quinta-feira 23, lançado em Atenas durante os Jogos. Não se trata de apoio exagerado. No Brasil, Mello e seus colegas fazem pelo menos quatro grandes avaliações dos atletas por ano. Cada uma custa R\$ 85 mil e gera relatórios que ajudam a planejar treinos. Muitas vezes, a urgência instiga a criatividade. Uma esteira elétrica, importada por US\$ 45 mil, foi adaptada para suportar cadeiras de roda.

O nadador Clodoaldo Silva, nosso Phelps paraolímpico, conseguiu, em menos de quatro anos, reduzir entre 20% e 35% seus tempos médios e em espantosos 40 segundos a marca nos 200 m livre – na segunda-feira 20, bateu o recorde mundial da prova com 2min55s75. Aumentaram o número, a velocidade e a extensão de suas braçadas, que foram de 1,53m para 1,87m. Seus movimentos, filmados por câmeras subaquáticas, receberam correções. “Eles são atletas, não coitadinhos”, completa Mello. Nada disso se faz sem algum dinheiro. Ainda não se tem o ideal, mas, de 2001 para cá, as Loterias da Caixa, o principal patrocinador, repassaram R\$ 27,9 milhões. Além disso, o comitê recebe 15% dos recursos da lei Agnelo-Piva, que destina 2% da renda das loterias federais ao esporte. Em 2003, foram R\$ 9,84 milhões para o caixa.



**LIVRO Trabalho de Mello foi mostrado nos Jogos de Atenas**

Figura 20 – Lista de ilustrações

O título desse box é o que se podia esperar de realismo e quebra de paradigmas relacionados à Pessoa com Deficiência; fechando a matéria com “chave de ouro”.

Saindo da área dos esportes e indo para um assunto de interesse geral da sociedade: a Educação; tem-se o ANEXO 13, retirado do “*Jornal da Cidade*”, de Bauru, datado de 21/03/2008, cujo chapéu, embora esteja enfocando a educação, traz a expressão “Coragem”, isso porque, de acordo com o enfoque da entrevista traz a história de vida de um jovem paulistano que se mudou para Bauru, ainda criança, e agora, cursando o último ano do Ensino Fundamental, é tido conforme a matéria, “Como um exemplo de amor à vida”

Bauru, sexta-feira, 21 de março de 2008 - Página 8

GERAL

Jornal da Cidade

# Tarso é um exemplo de amor à vida

*Estudante com paralisia cerebral mostra que a falta de movimentos não impede a pessoa de viver bem e ajudar os outros*

Figura 21 – Lista de ilustrações

Ao ler o olho do texto, percebe-se o porquê dos atributos desse título:

**“Estudante com paralisia cerebral mostra que a falta de movimentos não impede a pessoa de viver bem e ajudar os outros”**

O primeiro equívoco pode ser identificado, ao ler o texto, no fato de o entrevistado afirmar que, quando terminar o ensino fundamental, ou seja, no próximo ano, irá se dedicar a trabalho voluntários em entidades – mas isso ainda não aconteceu, portanto, não se pode afirmar, como se fez no olho da matéria que já acontece tal ajuda. Afinal de contas, quantas pessoas não deficientes também não nutrem o desejo de igualmente ajudar o próximo, no entanto, ainda não o fazem, então não se pode afirmar que de fato, realizam esse trabalho. Nem mesmo os demais exemplos de ajuda mútua que o estudante Tarso (de 19 anos) proporciona na escola, com seu sorriso, seu bom humor, seu exemplo de vida, como retrata a matéria, pode ser exclusividade apenas desse adolescente que se utiliza de cadeira de rodas para locomoção e de uma prancha com letras, as quais vai apontando uma a uma para poder se comunicar, e que conta com uma cuidadora que o acompanha durante todo tempo na escola; isso porque todos esse atributos positivos também não compreendem em características exclusivas de uma PCD. Novamente, há uma generalização e uma compensação de conceitos.

Tanto a foto da chamada da 1ª página (colorida) quanto trechos do texto do tipo: ele “é um anjo que surgiu em minha vida.”, “ele muda a vidas das pessoas”, “O Tarso é uma lição de vida”; são citações que, de certa forma infantilizam um jovem, que se não fosse pela deficiência, não seriam atribuídas a quem tem 19 anos.

No caso da foto da 1ª página, esta reforça através da imagem essa característica infantil atribuída a muitos deficientes, principalmente aos que apresentam comprometimento motor – a foto mostra a diretora do colégio onde ele estuda, na porta, logo pela manhã, posta toda em sorrisos, pronta para receber o seu aluno – no caso, o tido como “mais especial”, isso porque não há indícios de que ela faça isso também com os demais alunos, até porque pela própria fase cronológica em que os alunos se encontram; ou eles não iriam gostar muito da postura da diretora, ou então iriam ignorá-la, podendo até mesmo agir com sarcasmo. Já com Tarso essa postura não é nem questionada, muito pelo contrário, é uma forma “de retribuir” o amor e carinho que ele tem por todos.

Será que outros alunos, na condição de seres humanos, que também passam por fases de carências – especialmente nessa época da vida – também não gostariam de ter a mesma recepção calorosa? Tal recepção ainda só é possível, porque conforme mostra a foto da capa, Tarso muito provavelmente entre na escola pela ala administrativa (observa-se a placa na porta de vidro “Coordenação Fundamental”), não acompanhando

os demais alunos; adquirindo assim mais uma exclusividade, para escapar talvez da falta de acessibilidade arquitetônica.

Não me cabe aqui fazer insinuações, mas analisar expressões apresentadas no texto. Sendo assim, encontra-se a citação da professora de Língua Portuguesa, que depois de elogiá-lo como aluno (o que é bem cabível, sendo ela uma professora), termina sua fala com a seguinte colocação: *“Além de todas as qualidades do Tarso, ele ainda faz um tremendo sucesso com as meninas, chegando alguns alunos a terem ciúme por causa da atenção que ele recebia das colegas e da professora.”* (Professora Gisele Parreira)

Olhando sob um primeiro plano, a citação parece bastante discreta sob o ponto de vista de revelar indícios de pensamentos que permeiam a sociedade, compreendendo ser a questão dos relacionamentos amorosos – da Sexualidade como um todo – talvez o maior tabu ainda encontrado, justamente por ter-se a intenção de muito mais infantilizar do que acreditar no potencial (inclusive de conquista) do deficiente.

Tarso mesmo afirmou que adora paquerar – comprovando então a ideia de que, apesar das limitações motoras e de fala, seu desenvolvimento bio-psico-emocional, incluindo aí o sexual, corresponde ao de um jovem da sua idade sem deficiência.

Continuando a observação, tem-se uma matéria bem completa trazendo fatos detalhados sobre a família, o cotidiano escolar, as causas que levaram a deficiência, traz ainda um exemplo de texto de sua autoria, citações bíblicas, referências quanto a sua religião, mas para um garoto que gosta de paquerar, não faz qualquer menção a respeito de alguma namorada que tenha, ou mesmo tivesse tido – lembrando, por exemplo, que se o entrevistado não tivesse deficiência este seria um fato que muito provavelmente não seria omitido – mas, no caso dele, o que culmina com essa conclusão é justamente a visão da professora, relatada acima, que de maneira simplista conclui por si só que o fato das colegas da classe e também das professoras darem-lhe certa atenção (muito provavelmente, atenção esta, justificada pelas suas sequelas motoras e de fala), e por conta disso já atribui-se então “que ele faz sucesso com as mulheres”.

Será que se esse jovem não tivesse uma deficiência, a própria professora iria enquadrar-se no termo “meninas” com as quais seu aluno faz sucesso? Não seria pois, considerado um certo abuso diante de tal generalização, colocando-se no mesmo patamar das colegas de classe? E esse ciúme demonstrado pelos demais alunos da classe (provavelmente os do sexo masculino), deixa-se claro que é unicamente pela atenção recebida... essa atenção seria então pedagógica, já que a professora inclui-se nesse grupo

“da atenção”. Qual o caráter desse ciúme, meramente por disponibilidade de tempo do sexo feminino para com Tarso? Da forma como a ideia foi escrita, será que ele representaria de fato, “uma ameaça” em se tratando de conquista, que justificaria o termo designado a ele, de que faz sucesso com as meninas?

Haendchen (2006) expressa muito bem o papel do jornalista nesse contexto:

*“... a atividade jornalística mostra-se uma “faca de dois gumes”. No mesmo instante em que possui poderes para transformar mentalidades em prol da humanidade, ela fortalece pensamentos negativos sobre as diferenças.*

*Conseqüentemente caminhamos no sentido contrário ao modelo de sociedade ideal para o reconhecimento das diferenças humanas. Isto é, as condições de produção do discurso jornalístico sobre a deficiência, ainda não são favoráveis à construção da Sociedade Inclusiva porque há nas entrelinhas a reprodução do preconceito, da discriminação, do estereótipo e do estigma.” ( HAENDCHEN, 2006, p.86)*

E para culminar nessa reportagem com aquilo que não se pode chamar de “tentar atingir emocionalmente o leitor”, tem-se já no primeiro parágrafo do texto do jornalista Marcelo de Souza (2008), novamente, como já foi citado no ANEXO 11, o questionamento da vida pessoal do leitor como comparativo à deficiência apresentada pelo entrevistado.

*“Antes de começar a ler essa reportagem, faça uma reflexão: o que falta na sua vida hoje? Você tem casa, carro, conta bancária, emprego, família, amigos? Se tem, valoriza tudo isso? Se falta algumas dessas coisas na sua vida, qual sua atitude? Senta e reclama, ou tenta mudar de alguma forma? Espera cair do céu. Ou vai à luta todos os dias?*

*Afinal, quantas vezes reclamamos da vida por coisas banais? Quantas vezes brigamos com familiares e amigos por causa do futebol? Quantas vezes deixamos de dar valor a uma série de coisas, que apesar de mínimas, fazem toda a diferença no final das contas?*

*Depois de refletir sobre essas e outras situações, está na hora de conhecer Tarso...” ( SOUZA, 2008, p.8)*

Se, por um lado, ostentam demais a capacidade das PCD para certas coisas, por outro lado, extinguem o deficiente de problemas, como o próprio autor diz, simples, porém que não fazem parte apenas das pessoas não deficientes. Por que um deficiente não poderia reclamar de sua conta bancária também? Por que não poderia igualmente desejar (e conseguir!) ter uma casa, um carro? Por que não brigaria com um amigo ou familiar por causa de futebol? Tudo isso faz parte das mazelas humanas e não está relacionado com a deficiência. Por que então acreditar que certas “desvalorizações” na vida só acontecem com quem não tem deficiência?

A vivência de cada pessoa é resultado de tudo aquilo que ela já viveu até aqui, de sua história pessoal, de suas expectativas, de sua personalidade, de seu meio social; a deficiência é apenas mais “um ingrediente” em tudo isso, mas não o único, nem deve ser o principal.

Até porque, uma pessoa que não nasceu deficiente pode vir a tornar um depois de algum acidente ou doença, em qualquer fase de sua vida, e aí, de uma hora para outra, mudam-se todos os seus valores, sua visão de mundo?

Evidentemente que, se isso acontecer, muitos conceitos de vida precisam ser adaptados a esta nova situação, no entanto, traços da personalidade e até certas expectativas (mesmo tendo que ser adiadas muitas vezes devido ao processo de Reabilitação) continuam a fazer parte da vivência desse indivíduo. Então, por que acreditar que um sujeito deficiente tem anulados os demais campos da sua vida? Por que considerá-lo como um ser sem outros problemas, além da deficiência em si, como se somente ela já bastasse?

Talvez a resposta seja simples, e até já tenha sido respondida a medida que identificamos o Ethos de anjo atribuído ao deficiente, e então, na realidade, nunca foi-se relatado que anjos teriam problemas.

Haendchen (2006), muito bem pode concluir essa ideia:

*“... os pré-conceitos somados à ignorância e ao despreparo dos jornalistas facilitam na divulgação equivocada sobre os sentidos e significados da diferença/deficiência.*

*Assim, por medo de agredir o sujeito deficiente, o repórter reveste-se de bondade para através, de recursos lingüísticos [...], referir-se às pessoas com deficiência. Consequentemente, constroem-se imagens distorcidas sobre os sujeitos deficientes porque eles são transformados em heróis e/ou coitadinhos pelas expressões demonstradas...” (HAENDCHEN, 2006, p.88)*

Como se propôs neste trabalho, a análise de materiais impressos, selecionou-se até como material conclusivo uma história infantil (ANEXO 14) criada por Maurício de Souza (História cujo código de identificação é MSP8801076-MO27/3), este caracterizou como personagem componente da Turma da Mônica – também de sua autoria - um garoto chamado Hamyr, deficiente físico, que faz uso de um par de muletas canadenses para andar.

Logo no início da história, sua deficiência é caracterizada como “um pequeno probleminha”, termo este bastante cabível, sabendo que o público-alvo das histórias em quadrinhos são as crianças. Até porque, antes de relatar “esse probleminha” são

enumeradas algumas características pessoais do personagem, com bacana, simpático, comunicativo, que gosta de falar e de brincar... só depois o probleminha é apresentado, assumindo assim uma importância menor por ter ficado como última característica.

Além do mais, o título, colocado como **“Hamyr, um garoto muito especial”** ganha uma conotação não pejorativa devido ao fato de o personagem querer se igualar aos demais de sua idade não apenas em direitos, mas em punições também.



Figura 22 – Lista de Figuras

Observa-se isso quando Hamyr solicita da personagem Mônica que também lhe bata com o coelho depois que ele, assim como os demais meninos da turma, proferiu xingamentos contra ela. Nesse momento nenhum personagem agiu de maneira espantosa perante o desejo do menino de se igualar aos demais, mesmo que fosse na surra; demonstrando, assim, observar na prática: o fato de que crianças não apresentam preconceitos – a não ser que estes sejam plantados pelos adultos na sua forma de olhar o

mundo. Isso mostra que o preconceito é muito mais uma questão cultural do que natural.

Outro fator importante que merece ser ressaltado, e que porventura pode vir a ajudar também alguma outra criança leitora e deficiente, é o enfrentamento desse sujeito à superproteção da mãe – muito comum até nos casos de deficiência, mas que, levando em conta o processo de Reabilitação e o próprio desenvolvimento infantil, não tende a trazer bons resultados, necessitando assim ser superado o quanto antes.

A questão do medo inicial frente ao desconhecido não deixa de ser retratada, quando o personagem deficiente levou uma bolada sem querer e o que proferiu o chute ficou constrangido com a situação, sendo até advertido verbalmente, em seguida, após demonstrar vontade de também jogar futebol foi-lhe dada alternativa de ser torcedor símbolo, ou seja, agente passivo da situação. Mas foi a postura do próprio deficiente que fez com que os colegas mudassem de opinião em relação a ele, quando então ele se negou a ocupar essa posição, como também se negou a meramente apitar o jogo, e assim fez valer a sua vontade que era de jogar futebol. Em seguida, todas as outras atividades retratadas nos quadrinhos mostram-no perfeitamente incluído em todas as brincadeiras, inclusive se metendo em briga de rua.

E depois, para encerrar esse belo exemplo de inclusão, feito com maestria pelo autor, a última cena ainda aborda um caráter social reforçando a necessidade de se promover a acessibilidade arquitetônica e nos transportes coletivos.

Eis, pois, um exemplo bastante positivo, feito para um público de características bem específicas – as crianças, e que conseguiu de maneira surpreendente utilizar o termo “especial”, atribuindo a ele o caráter que ele nos remete, que especial devem ser nossas atitudes, no sentido de serem diferenciadas e próprias a cada situação vivenciada. O caráter da especialidade está em sermos, amanhã, melhores do que somos hoje, comparando-nos conosco mesmos e não com os demais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este trabalho de pesquisa, pode-se dizer que muitas ideias permearam estas páginas. Assim procuramos sempre justificá-las com afirmações, questionamentos ou estudos de pessoas que se tornaram, de certa forma, referência neste contexto; seja pelo que escreveram, seja por aquilo que pensam, e principalmente por aquilo que ousaram deixar registrado através de palavras.

Escrever, dependendo da situação, pode, sim, ser considerado um ato heróico, já que aquele que escreve na certeza de quem sabe exatamente o que está falando é porque na maioria das vezes pesquisou, aprendeu, e principalmente ousou partilhar de suas ideias e conclusões com os demais. E isso nos remete a um ato de coragem; assumir aquilo que se pensa, assumir aquilo que se escreve!

Ao me propor utilizar como matéria-prima para o trabalho textos escritos por outras pessoas, mais especificamente por profissionais da imprensa, a intenção não era, de forma alguma, somente apontar falhas como alguém que assume um papel meramente fiscalizador.

Para tanto, buscou-se diversificar as abordagens das matérias selecionadas, bem como também o veículo de que essas matérias foram retiradas.

Não se limitou tempo para a seleção de textos, uma vez que isso serviu para mostrar que independentemente da época de publicação, existe essa visão mascarada acerca da PCD.

Também não se estabeleceu qualquer tipo de critério para escolher de fato, quais seriam os “personagens” deste trabalho; não se limitou portanto, idade, sexo, tipo de deficiência, local de residência, de quem em potencial, poderia estar em uma das matérias.

O resultado com tudo isso foi surpreendente, do ponto de vista que independente das características pessoais ou laborais do sujeito com deficiência, este acaba sendo alvo de termos ou expressões usadas pelos jornalistas, que vem acentuar a limitação, ou então tentam, através do excesso de elogios; desviar o olhar, tirando o foco da deficiência. Situação ainda pior acontece quando se desvia o foco até mesmo do trabalho jornalístico que se pretendia fazer, somente porque a deficiência assumiu agora um lugar de destaque na pauta.

Por fim, houve inclusive a preocupação de apresentar exemplos positivos de como as limitações – independente de quais sejam, podem ser abordadas tendo a

consciência de que a deficiência só é notícia quando esta, de fato, tiver relevância social, caso contrário, aquele que a apresenta deve sempre assumir o seu lugar de pessoa completa, dotada de limitações, mas também de habilidades.

## REFERÊNCIAS

- ANDI – **Agência de Notícias dos Direitos da Infância – Seminário Mídia e Deficiência: Diversidade, Cidadania e Inclusão na Imprensa Brasileira.** Brasília, Junho/2003
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e Linguagem-Discursos e Ciência.** Moderna, São Paulo, 1998
- BRASIL, Presidência da República. **Acessibilidade: Secretaria Especial dos Direitos Humanos.** Brasília, 2008
- CORDE, **Convenção Latino Americana das Pessoas com Deficiência.** Brasília, 2008
- CNBB, **Campanha da Fraternidade. Texto-Base.** Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Itaici – SP, 2006
- FARRATH, Ilka. **Revista “Sou mais eu!”** Editora Abril, Edição nº 01, de 23 de Novembro de 2006
- GIL, Vicente. **Domínios da Escrita.** Facos Cidade Universitária, Santa Maria – RS, 1999
- HAENDCHEN, Daniella. **O discurso jornalístico sobre o sujeito deficiente.** Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006
- KARAN, Francisco José. **Jornalismo, Ética e Liberdade.** Summus Editorial, São Paulo, 1997
- LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia.** Editora Ática, São Paulo, 1998

- MUSSALIM & BENTES. **Introdução à Linguística – Domínios e Fronteiras.** Editora Cortez – Vol 2. São Paulo, 2003
- MAINGUENEAU, Dominique. Documentos, Diálogos e Análises de Textos. Paris, 2005
- MARQUES, Luis Henrique. **Teoria e prática de redação para Jornalismo Impresso.** EDUSC, Bauru, 2003
- OLIVEIRA, José Fernandes. **Revista Família Cristã.** Artigo: “Achemos palavras”, p. 53, Fevereiro de 2005
- POETELLA, Eduardo. **Teoria da Comunicação Literária.** Editora Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1976
- PEREIRA JUNIOR, Alfredo Eurico Vizeu. **Decidindo o que é notícia – os bastidores do telejornalismo.** EDIPUCRS, Porto Alegre – RS, 2001
- SENTIDOS, **Revista. Edição nº 46** – Áurea Editora. São Paulo, Abril e Maio de 2008
- SASSAKI, Romeu. **Inclusão – Construindo uma sociedade para todos.** WVA, Rio de Janeiro, 1997
- SILVEIRA, Ada Cristina (org). **Jornalismo além da notícia.** Facos Cidade Universitária, Santa Maria – RS, 2003
- WOLF, M. **Teorias da Comunicação.** Editorial Presença, Lisboa – Portugal, 1994

## **LISTA DE ANEXOS**

### **- ANEXO 1**

Jornal Tribuna Lençoense de 03/06/2004

Jornalista: Conceição Giglioli Carpanezi

Matéria: “Luz no escuro”

### **- ANEXO 2**

FERRAZ, Ricardo. Coletânea de Cartuns. 2ª edição. Programa Arte sem Barreira, Rio de Janeiro, 2002

### **-ANEXO 3**

Jornal Tribuna Lençoense de 03/06/2004

Jornalista: Conceição Giglioli Carpanezi

Matéria: “Muito especial”

### **ANEXO 4**

Jornal Tribuna Lençoense de 22/10/2005

Jornalista: Eduardo Magalhães

Matéria: “Baixinho: Um exemplo que vale ouro”

### **ANEXO 5**

Jornal Folha Popular de 22/10/2005

Jornalista: Katia Sartori

Matéria: “Medalha de Bravura”

**ANEXO 6**

Jornal Tribuna Lençoense de 04/06/2008

Jornalista: Eduardo Magalhães

Matéria: “Pessoas normais que cuidam de gente especial”

**ANEXO 7**

Jornal O Eco de 10/07/2008

Jornalista: Bruno Sales

Matéria: “Prova de Superação”

**ANEXO 8**

Jornal O Eco de 15/07/2008

Jornalista: Katia Sartori

Matéria: “Superação”

**ANEXO 9**

Jornal O Eco de 21/07/2009

Jornalista: Lucien Luiz

Matéria: “Super especial”

**ANEXO 10**

Jornal Tribuna Lençoense de 03/10/2009

Caderno Especial: “Cartaz”

Matéria: “Um exemplo de força e superação”

**ANEXO 11**

Revista Super – Especial Olimpíadas

Jornalista: Maurício Ribeiro

p. 44-45

**ANEXO 12**

Revista “Isto é” nº 1825

De 29/09/2004

Especial: Atenas/2004

Matéria: “Vai que é ouro”

p. 40-42

**ANEXO 13**

Jornal da Cidade nº 13.855

De Sexta-feira, 21/03/2008

Jornalista: Marcelo de Souza

Matéria: “Tarso é um exemplo de amor a vida”

p.8

**ANEXO 14**

SOUZA, Maurício. Revista Turma da Mônica

Cód: MSP8801076-MO27/3

# ANEXOS

■ cidadania

# Luz no escuro

*Sem conhecer a luz, o casal de cegos Claudice e João Carlos Grin esbanja alegria e bom humor e dá uma verdadeira lição de vida*

**Conceição Giglioli Carpanezi**

Nos tempos atuais, é difícil para qualquer chefe de família manter o emprego, a casa organizada e ainda se considerar uma pessoa feliz. Para quem não enxerga, essa situação pode até ser pior. Além de superar a barreira da cegueira e todas as adversidades que ela acarreta, ainda é preciso superar o preconceito.

Mas, um casal de Macatuba mostra que desafios assim estão à nossa frente para serem vencidos. Foi o que fizeram Claudice Matias de Oliveira Grin e João Carlos Grin. Cegos desde a infância, os dois não se abalam com as dificuldades da vida. Cercados de música, tocam a vida de um jeito feliz.

Casados há seis anos, os dois dividem - além da vida em comum - a profissão. Juntos, comandam ao vivo o programa Domingo 1030, na Rádio da Barra AM. O programa vai ao ar das 12h às 15h, com música, participação dos ouvintes e variedades. Ele é radialista e faz a apresentação. Ela trabalha nos bastidores, faz os jingles e organiza tudo.

Tristeza? Esta palavra não está incluída no dicio-

nário e nem na vida do casal. "Quem tem Deus no coração não tem direito de ter depressão e nem tristeza, tem que seguir sempre em frente", ensina Claudice.

Além de participar do programa de rádio, Claudice tem outras atividades. Cursa o quinto ano da faculdade de Psicologia na USC (Universidade do Sagrado Coração) de Bauru, é massagista e representante de produtos de beleza. João Carlos cursa o segundo ano do Ensino Médio no Caic Cristo Rei, em Macatuba, e tem uma ampla bagagem como radialista. Ele já trabalhou em várias rádios nas cidades de Barra Bonita, Jaú e Araraquara.

Com o atual programa, está no ar há um ano. Anteriormente, comandou um programa aos sábados durante dois anos. Recentemente, perdeu o emprego de monitor de Cultura que exercia na Prefeitura de Igarapu do Tietê.

O casal trabalha, estuda e viaja. Sempre de ônibus. Sempre sozinho. Mesmo com tanto trabalho, o dinheiro ainda é curto. Eles mantêm a casa com uma renda de um pouco mais de dois salários mínimos. "É muito pouco, temos a despesa da casa, telefone,



O casal de cegos Claudice e João Carlos está casado há seis anos; ele radialista e ela massagista levam uma vida normal e cheia de alegria

água, energia e todas as despesas que uma família tem", conta Claudice.

Para fazer o dinheiro ren-

der, os dois fazem muitos bicos. "A gente está sempre se virando. Faz um bico aqui, outro ali e, graças a

Deus, no fim dá tudo certo", revela Claudice com um certo entusiasmo. A alergia do casal porém, não esconde

as dificuldades que passam. O preconceito ainda é o pior deles, revelam sem insistir muito no assunto.

# Alegria de viver supera o preconceito

Quando se conheceram, cerca de 8 anos atrás, Claudice Matias de Oliveira Grin e João Carlos Grin não imaginaram que um dia iriam se casar. No começo, a idéia parecia um desafio. Claudice e João Carlos não conseguiram imaginar como seria a vida a dois de duas pessoas celegas. Em meio às preocupações, enfrentaram o preconceito. Familiares e amigos não viam com bons olhos a união do casal. Mas, contra o amor, a luta é em vão.

Para Claudice, o preconceito não é uma figu-

ra constante em sua vida. “Meus pais e meus familiares sempre me deram muita ajuda, muito apoio. Eles têm muita preocupação, preconceito não”, conta.

Já seu marido não pode compartilhar da mesma situação. Quando fala em família, a definição de João Carlos é amarga. “Eu não tenho mais família. É como se tivesse acontecido um grave acidente, tipo assim, uma carreta passou em cima de todo mundo”, fala com amargura.

Ele conta que, desde pequeno, foi deixado de lado pelos familiares. Apesar de ter outra irmã cega, disse

que ninguém lhe ensinou a se virar sozinho. “Aos 10 anos de idade, meus pais me mandaram para a Apae de Jaú porque achavam que eu era excepcional. Foi lá que eu aprendi a ir ao banheiro, a me trocar. Aprendi a cuidar de mim”, relata. João Carlos disse que ficou na instituição por poucos meses. Terminada a avaliação, a família foi informada que ele não tinha problemas mentais.

Sua vida ainda continuou cheia de altos e baixos. Com a morte dos pais, ficou morando em casa de parentes. O preconceito e a falta de carinho fez com que che-

gasse até as drogas. Com muita fé e esforço, João Carlos venceu as dificuldades e mudou de vida.

Claudice é mais alegre. Além de lutar pelo próprio sustento, está sempre engajada na comunidade em que vive. Participa de atividades religiosas e políticas. Nas últimas eleições municipais, foi candidata a vereadora pelo PPB. Só lamenta ter feito 27 votos. “Eu queria poder fazer alguma coisa a mais pelo Município. Pena que as pessoas não confiaram em mim”, reclama. **(GGG)**



Apae de Lençóis Paulista completa 33 anos atendendo 207 alunos portadores de necessidades especiais; instituição também comemora o ano do jubileu de ouro das Apaes no Brasil

## Muito especial

Conceição Gigliotti Carpanezzi

Amanhã, a Apae (Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais) de Lençóis Paulista completa 33 anos de existência. O ano de 2004 também marca o jubileu de ouro das Apaes de todo o Brasil. A primeira entidade surgiu em dezembro de 1954, no Rio de Janeiro. Funcionando em sede própria desde 1980 - a data não é precisa porque existe uma lacuna nos livros de registros - a equipe da Apae de Lençóis atende 207 alunos.

Em Lençóis Paulista, a ata de fundação da Apae registra a data de quatro de junho de 1971. Não se sabe porque a entidade passou a comemorar o aniversário em quatro de julho. A diferença de datas, entretanto, não interfere no atendimento da instituição às pessoas portadoras de necessidades especiais.

Dar a oportunidade aos portadores de necessidades especiais de terem uma vida melhor, de aprender a ler e escrever, que consigam preparar um artesanato, ou que simplesmente, consigam tomar banho sozinho é o desafio diário desta equipe que trabalha junto e joga em um time que não se preocupa com o gol, mas em como o passe para o gol foi dado.

"Nosso trabalho é lento, mas muito importante. O progresso que uma criança especial consegue faz a nós, sua alegria, porque toda a equi-

pe trabalha com o mesmo objetivo", enfatiza a diretora Zuleika Boso Radichi.

Mantida com recursos dos governos federal, estadual e municipal, além da contribuição de empresários e da comunidade, a Apae de Lençóis está apta para atender as principais necessidades de seus alunos. Mas, os diretores da Apae lembram que nem sempre foi assim.

Maria Angelina Romani Malagi, uma das primeiras professoras da Apae e líder do movimento que deu origem à instituição, lembra que em Lençóis existia uma classe de educação especial com cerca de 12 alunos. "Eu falei com o prefeito, na época Antônio Lorenzetti, e a partir daí deu origem às discussões para que nascesse a Apae em Lençóis", relembra a ex-professora.

Em janeiro de 1971, quando um grupo de moradores se reuniu no prédio do UTC (Ubrama

Tênis Clube) para discutir a ideia de implantação da Apae em Lençóis, os excepcionais, como eram nomeados os portadores de necessidades especiais, eram pessoas que enfrentavam o preconceito, que começava dentro de casa, e não podiam vislumbrar um mundo melhor.

Em junho, a Apae foi criada oficialmente e seu primeiro endereço foi na esquina das ruas XV de Novembro com Nove de Julho. Remexendo os livros, a diretora da entidade conta que a sede própria foi inaugurada no começo da década de 80, onde funciona até hoje.

"Quando eu comecei a dar aulas aqui, em 1984, o prédio tinha apenas uma ala e hoje é esta maravilha. Cheio de crianças com uma boa estrutura", comenta a professora Maria Zuleika Boso. As primeiras professoras da instituição foram Celi Aparecida Martins Perpétuo e Maria Angelina Romani Malagi.

## Apaes completam 50 anos

A primeira Apae do Brasil nasceu em dezembro de 1954, no Rio de Janeiro. A reunião que fundou a entidade foi realizada na Associação Brasileira de Imprensa no 11 de dezembro de 1954. Ercilia Carvalho mãe de um deficiente foi uma das idealizadoras da Apae. Ela redigiu e assinou a



A Apae de Lençóis Paulista é a garantia de educação para portadores de deficiência

## Em Macatuba, Apae foi fundada em 1980

No início de 1980, a Apae de Macatuba se tornava realidade e começava a funcionar em uma pequena sala da rua Arlindo Batista Artigli, onde até há poucos dias funcionava a sede do Grupo de Voluntários no Combate ao Câncer. A sala, pequena no tamanho, dava mostras de que seria grande no trabalho desenvolvido.

Como em todas as cidades brasileiras, um grupo se reuniu e começou a discutir soluções de como melhorar a vida das crianças portadoras de necessidades especiais. O então prefeito Fernando Valezzi Filho, acolheu a ideia, ce-stando o prédio e acabou se tornando o primeiro presidente da Apae de Macatuba.

Entretanto, o nascimento da Apae apenas concretizava um trabalho que já existia na comunidade há sete anos. A pro-

tinham muito preconceito e era muito difícil convencê-los a levar as crianças até a escola", relembra. Antes da Apae existir em Macatuba, Terzezi conta que levava as crianças três vezes por semana até a Apae de Itá para participar das aulas e também fazer fisioterapia. Os outros dois dias da semana, as aulas eram em Macatuba.

Contrastando com o início discreto onde a equipe era formada apenas por poucas professoras e 41 alunos, incluídos aí os deficientes físicos, a história de hoje, 24 anos depois, é muito diferente. Atualmente, a Apae de Macatuba é formada por uma equipe de 33 funcionários e atende 74 alunos especiais. A nova sede foi inaugurada em 1996, na gestão do ex-prefeito, João Carlos Hueb. (CGC)

# Baixinho: Um exemplo que vale ouro

*Atleta obtém o melhor resultado que um lençoense já conquistou em Jogos Abertos*

Eduardo Magalhães

A história poderia ser resumida assim: seis medalhas de ouro e uma de prata, conquistadas nos Jogos Regionais, em São Carlos, e Jogos Abertos do Interior, em Botucatu. Mas seria pouco para a caminhada de José Carlos de Oliveira, o Baixinho da Adefilp. Com menos de um mês de treinamento para a primeira competição, e sem o equipamento ideal para participar das provas, ele já fez bonito em São Carlos. Agora, com pouco mais de um mês de treinamento, obteve o melhor resultado que um lençoense já conquistou em Jogos Abertos.

Suas quatro medalhas, três de ouro, uma de prata e mais o bronze de Elton Aparecido Caldas no arremesso de peso, nos Jogos Abertos, colocaram a cidade na 25ª posição dos Jogos e a quinta colocação geral no atletismo para Portadores de Deficiência Física. A equipe ficou à frente de cidades como Presidente Prudente, Marília, Botucatu, Araraquara, Bauru e São Carlos.

Mais do que vitorioso, Baixinho é determinado. Aos 51 anos descobriu que no esporte suas limitações e a vontade de superar obstáculos são apenas alguns dos ingredientes para conquistar mais um objetivo: Chegar a seleção paraolímpica brasileira. E alguém duvida que ele vá conseguir? Conversamos com Oliveira, que nos conta um pouco mais sobre esporte, Jogos Abertos, as dificuldades dos deficientes físicos e a vontade de seguir em frente.

**Tribuna:** Sua entrada no esporte foi arrasadora. Você

*sabia que tinha todo este potencial para o esporte?*

**José Carlos de Oliveira:** Foi uma surpresa. O presidente da entidade perguntou se a gente teria algum deficiente que poderia participar. O professor Eduardo Caldeira, do atletismo, viu as modalidades e o que poderia ser feito. Conversei com os colegas nossos para saber quem tinha vontade. Conseguimos de seis a sete pessoas da entidade e fomos para o treinamento. Nossa preparação foi de duas semanas para os Jogos Regionais. Trabalhamos na base de Gelol e dor no braço, porque foi muito duro. Nos unimos e começamos a acreditar que tínhamos chance e fomos para os Regionais e vimos que dependia mais da gente. O professor pegou firme, fizemos preparação antes e esse pessoal vai ser o espelho para os novos que chegarão.

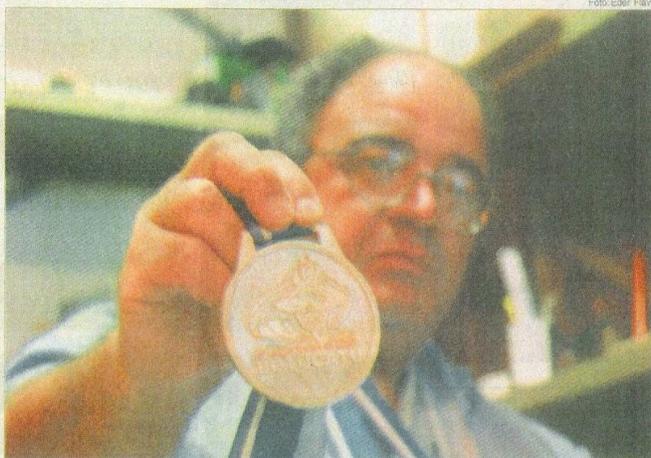
**Tribuna:** Você acreditava que poderia obter os resultados que conseguiu?

**Oliveira:** Como faz tempo que eu estou na militância desta entidade e da causa, já conhecia, mas nunca havia participado. Hoje, participando, a gente sentiu a coisa no sangue. Tenho 51 anos, sempre fui deficiente e nunca tive oportunidade de fazer esporte, mas sempre achei bonito e hoje, com meus 51 anos jamais imaginaria que ia participar dos Jogos Abertos. Para mim está começando agora. Ainda pretendo buscar mais conquistas.

**Tribuna:** É mais um desafio a vencer?

**Oliveira:** É verdade. Começou mais um sonho meu, o de ir para a seleção brasileira. E vou trabalhar para isso. Não entrei nisso aqui brincando não. É sério. Por isso treino na pista de manhã e à tarde.

**Tribuna:** Na sua categoria há realmente chances de fazer parte da equipe paraolímpica brasileira?



Próxima etapa de Baixinho é obter índices e integrar equipe paraolímpica brasileira

**Oliveira:** A categoria A é a mais difícil. É para aqueles que têm a maior deficiência. Ele pode ser paraplégico. Eu tenho a nanismo, alguns problemas no braço, os membros meus são menores. Por causa do nanismo, os membros apertados não são menores.

Por causa do nanismo, os membros apertados não são menores. Eu não tenho equilíbrio. Convertendo com alguns colegas do clube dos paraplégicos de São Paulo, eles me contam que nesta categoria, geralmente a pessoa consegue fazer uma modalidade. Eu faço quatro, por isso a chance existe. Existem três atletas no Brasil, sou o quarto e como temos quatro modalidades, pode ser que em uma delas eu me destaque. Estamos trabalhando para isso.

**Tribuna:** Você conquistou as medalhas com sua cadeira de rodas que nem é adaptada para a prática do es-

porte, não é mesmo?

**Oliveira:** É verdade, mas conseguimos fazer uma arrecadação para comprar uma cadeira, e gostaríamos de agradecer as empresas que estão acreditando no nosso trabalho. Vamos comprar de início duas cadeiras. A minha já está encomendada, que é feita sob medida. Era para os jogos, mas não chegou a tempo. Eu corri com minha cadeira mesmo. Essas cadeiras são mais leves. Temos patrocínio para duas

cadeiras e pretendemos fazer uma campanha onde vamos trocar latinhas para arrecadar fundos para adquirir as cadeiras de alumínio, assim mais pessoas podem participar. Acreditamos que podemos ter mais de 30 pessoas na nossa equipe.

**Tribuna:** O que vai ser

daqui para frente?

**Oliveira:** Vamos participar de mais uma competição este ano e no paulista do ano que vem, além de outros circuitos que existem por aí para obter os resultados e ser convocado. Já me ligaram perguntando se eu gostaria de integrar a delegação de Guarulhos em 2006. Mais feliz de tudo é que fizemos bonito, acho que a gente tem muito a agradecer aos patrocinadores. Empresas Zillo Lorenzetti, Grupo Lwart, Adria, Orsi, Posto Leão e Postão, que estão nos ajudando para adquirir essas cadeiras. Vale destacar o empenho de nossa equipe que conseguiu melhorar todas as marcas nos Jogos Abertos.

**Tribuna:** Lençóis Paulista é uma cidade preparada para o deficiente?

**Oliveira:** Falta muita coisa para fazer ainda. A gente tem conquistado as coisas devagar. No comércio sou persistente. Existem lojas que apresentam dificuldades para entrar. Ando na loja inteira e pergunto pelo dono, falo da rampa, vou e volto e insisto mesmo e quero vencer pelo cansaço. As pes-

soas não se preocupam. São feitas rampas sem orientação, alguma coisa é feita, mas falta muito ainda. O deficiente precisa lutar pelos seus direitos. Não adianta eu falar sozinho. Lençóis vende uma média de oito a doze carros zero para deficiente. Se hoje somos 15% da população, a população tem que nos ver e notar a falta de condições para ele vir e ir e aí está o caminho. É o deficiente sair.

**Tribuna:** Qual o recado para quem está em casa e acha que não é possível fazer mais nada?

**Oliveira:** Faço isso porque detesto ficar sozinho, e sozinho eu não sou nada. Sozinho não teríamos a Adefilp. Esse projeto é um conjunto. Gostaria que as pessoas que têm a sua dificuldade em casa, olhassem para trás e vissem que tem gente bem pior. Gostaria que as pessoas tentassem explorar o máximo que podem, pois é a única maneira de ser feliz. Se a pessoa acredita em Deus, tenha certeza que Ele preparou o melhor para ela. Tudo que veio para a gente carregar, Deus sabia que tínhamos condições de suportar. Deus não faz isso porque não gosta do Baixinho, do Adalberto. Deus deu para nós porque sabia que a gente podia carregar isso daí. Mas temos que fazer nossa parte e só fazemos se a gente se atirar e sair. Não adianta ficar em casa fechado, se lastimando. Faça as coisas com amor, se apegue a Deus, faça as coisas com fé. Esse é o caminho.

## ARQUIVO

*José Carlos de Oliveira, o Baixinho, é o coordenador da Adefilp (Associação dos Deficientes Físicos de Lençóis Paulista) e um dos maiores medalhistas da cidade em Jogos Regionais e Abertos.*

# Medalha de bravura

A equipe de paratletas de Lençóis Paulista mostra que vencer desafios é a principal característica do grupo que só tem um objetivo: vencer; nem os locais de competição estão preparados

Kátia Sartori  
Especial para a FP\*

Vencer já é tarefa difícil para quem se preparou para esse objetivo a vida toda. Vencer apesar dos obstáculos é missão para heróis. Esse foi o desafio de centenas de paratletas de todo o Estado de São Paulo, que pela primeira vez participaram nos Jogos Regionais, em São Carlos, e dos Jogos Abertos do Interior, em Botucatu. É a história da equipe de paratletismo de Lençóis Paulista.

A equipe formada por José Carlos de Oliveira, o Baixinho, Adalberto dos Santos, o Doberito, Elton Aparecido Caldas, o K-Suco, Alexandre Aparecido Fernandes e Tiago Antônio Dias só tem um objetivo: crescer e conquistar mais medalhas. A equipe é treinada por Eduardo Caldeira, também treinador da equipe principal de atletismo de Lençóis Paulista que disputou os 49º Jogos Regionais de São Carlos e 69º Jogos Abertos do Interior, de Botucatu.

Em São Carlos, foram oito medalhas. Nos Jogos Abertos, em que a equipe trouxe três ouros, uma prata e um bronze, quatro das cinco medalhas foram conquistadas por Baixinho. Ele foi ouro nos 100 e 400 metros em cadeira e no lançamento de disco. Na modalidade arremesso de peso mais duas medalhas, a prata ficou com Baixinho e o ouro com K-suco.

Baixinho conta que os treinos começaram em julho e aconteciam esporadicamente, visando apenas os Jogos Regionais. Depois da competição, o paratletismo virou uma meta para os deficientes físicos da Adefilp (Associação dos Deficientes Físicos de Lençóis Paulista). A equipe tem patrocínio das empre-

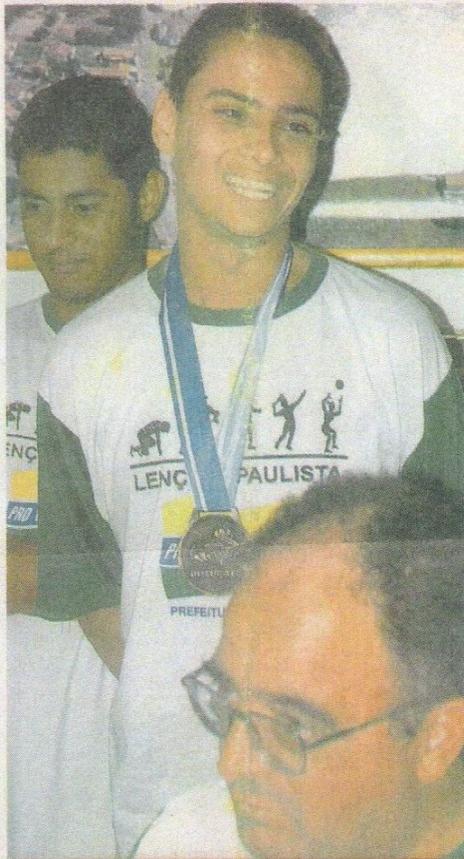
sas Zillo Lorenzetti, do grupo Lwart, da Adria, do posto Leão e do Postão, agora treina três vezes por semana.

"É bom citar, nós participamos dos Jogos Regionais com uma marca. Nos Jogos Abertos, já atingimos metade do nosso tempo. O esforço para nós valeu muito. Não vamos parar de treinar. Nos Regionais do próximo ano vamos estar com a carga toda", diz Baixinho. A idéia é levar uma delegação muito maior para Piracicaba, onde acontecem os Jogos Regionais de 2006.

Além do esforço, também fez diferença nos Jogos Abertos as cadeiras próprias para corrida. Em São Carlos, durante os Jogos Regionais, os paratletas competiram com cadeiras normais. Em Botucatu, eles competiram com cadeiras específicas para corrida, que são feitas de alumínio e possuem maior mobilidade.

Com uma cadeira de rodas especial para corridas, que pesa um terço de uma cadeira normal, é possível conseguir desempenhos melhores. E Baixinho informa que a Associação está investindo na formação de novos paratletas. "Pensamos em adquirir pelo menos 14 cadeiras", informa. Para isso, ele estuda formas de baratear o custo da cadeira e busca mais patrocínios. O preço médio de uma cadeira de corridas é de R\$ 2,7 mil.

E não só o número de competidores deve aumentar. Baixinho quer que a prática esportiva seja ampliada para outras modalidades, como, por exemplo, o basquete. Por que incentivar tanto a prática de esportes? A resposta é simples: porque faz bem para a saúde e para a mente. O esporte está ajudando Doberito a parar de fumar.



Acima, Elton Aparecido Caldas, o K-Suco, e Baixinho, dois dos medalhistas da equipe lençoense; ao lado, os paratletas exibem as medalhas conquistadas nos Jogos Abertos de Botucatu



## Falta de estrutura para receber os paratletas

A participação de portadores de deficiências especiais nos 49º Jogos Regionais de São Carlos e nos 69º Jogos Abertos de Botucatu representou um marco histórico, mas os locais de competição ainda não estão preparados para receber os atletas especiais. "Ainda não existe adaptação para nós", diz José Carlos de Oliveira, o Baixinho da Adefilp (Associação dos Deficientes Físicos de Lençóis Paulista), que participou das duas competições e trouxe oito medalhas dos Jogos Regionais e cinco dos Jogos Abertos.

Baixinho conta que muitas cidades de pequeno e médio porte não possuem sequer hotéis adaptados para facilitar o acesso a deficientes físicos, como é o caso de Botucatu, que sediou entre os dias 10 e 20 de outubro, os Abertos do Interior.

Sem hotel com adaptações e como o abrigo em alojamentos é dificultado para quem não possui o movimento das pernas, a solução para Baixi-

nho e Adalberto dos Santos, o Doberito, foi viajar para Botucatu nos dois dias em que participaram das provas, na sexta-feira 14 e no domingo 16. O mesmo problema foi enfrentado em São Carlos, durante os Jogos Regionais.

"Existe em todo Brasil apenas três pessoas que têm a mesma deficiência que eu e consegue participar de competições", informa Baixinho. As dificuldades para os deficientes não se restringem apenas aos alojamentos. A maratona dos paratletas começa com os obstáculos que eles têm que enfrentar para chegar aos locais de competição, que não possuem rampas de acesso. "Nem nos locais de prova existem banheiros para deficientes", conta Baixinho.

Apesar das dificuldades, os paratletas encontraram no primeiro ano de competição, Baixinho acredita que a inclusão da modalidade em competições importantes já é um começo. Para ele, os obstáculos extras que os deficientes tiveram de enfrentar para poder competir devem começar a ser corrigidos a partir do próximo ano. "Eles devem começar a pensar nisso agora", avalia.

Ele conta que pensa em como alojar a equipe em Piracicaba, cidade que sediará os Jogos Regionais em 2006. "Em Piracicaba já existem hotéis adaptados para deficientes", finaliza.

# Pessoas normais que cuidam de gente especial

Eduardo Magalhães

É impossível não se emocionar ao visitar a APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais). Jornalista é treinado para não emitir opinião sobre os fatos, mas quando o assunto é APAE, peço licença aos meus mentores para confessar que não dá para segurar os sentimentos. Quem ainda não conhece a APAE de Lençóis Paulista fica o convite para observarem o trabalho de profissionais que cuidam e ajudam de pessoas especiais.

Empossada no início deste ano, Elisabeth Ortado Athanásio, presidente da APAE de Lençóis Paulista, tem a missão de gerir um quadro de 50 funcionários que cuidam de 206 alunos. Lá, diariamente são desenvolvidos trabalhos de educação precoce, educação infantil, ensino fundamental, educação de jovens e adultos, oficinas terapêuticas, formação de hábitos e centro dia — na qual alunos passam um período na entidade.

Entre os inúmeros desafios enfrentados pela APAE, o maior é o financeiro. A entidade realiza uma série de eventos para sanear o caixa, mas não quer apenas se utilizar deste expediente para manter as contas em dia. Foi com base neste ideal que sugeriu a doação através das contas do SAAE, projeto que foi prontamente atendido pela prefeitura e sancionada pela câmara dos vereadores por unanimidade. Para falar um pouco mais sobre a APAE, conversamos com Beth Athanásio e José Fernandes Coneglian, diretor financeiro, que contam como é o dia a dia da entidade.

**Fale um pouco sobre a história da APAE**

**Beth Athanásio:** A APAE de Lençóis Paulista foi inaugurada em 4 de julho de 1971. Nosso objetivo é acolher o deficiente. Atendemos a 206 alunos especiais matriculados que frequentam normalmente a escola. Muitos deles apresentam doença e possuem uma saúde bastante fragilizada. O maior número de alunos está cursando o ensino fundamental. Atendemos crianças de quatro a cinco meses, que recebem a estimulação precoce e também alguns adultos. Temos uma aluna, a Nenê, que tem 40 anos ou mais. Os alu-



Um dos maiores desafios da entidade é a questão financeira, relata Beth Athanásio

nos maiores ficam mais na oficina terapêutica.

**Quais os principais desafios que a APAE de Lençóis Paulista enfrenta?**

**Athanásio:** Sem dúvida o grande desafio é o financeiro. Quando assumimos fizemos um levantamento das contas e vimos que havia um déficit. Isso nos alarmou bastante, foi a nossa maior preocupação. O Fernandes, nosso diretor financeiro, sempre me perguntava no começo se eu estava dormindo à noite. Respondia que sim, porque estou fazendo tudo de coração aberto, mas o que mais nos assistiu foi essa parte mesmo.

**De quanto foi o déficit apurado?**

**Athanásio:** Foi de R\$ 7.300. Hoje isto está sob controle, em função dos eventos que realizamos ao longo deste ano e que nos ajudaram a cobrir a diferença, mas a APAE não pode viver só de eventos. Outro grande desafio nosso é equilibrar a situação de nossos sócios contribuintes que geram uma receita de R\$ 5.500 mensais.

**Quanto custa manter a APAE funcionando?**

**José Fernandes Coneglian:** Ela deve estar custando algo em torno de R\$ 70 mil ao mês. Este é um dado preliminar, mas não foge muito disso não. Na área financeira a gente vai apagando incêndio no começo até tomar pé da situação. Nesse momento estamos

acompanhando a Beth quase todos os dias. Aqui na área financeira estamos querendo montar uma estrutura para que você não precise vir todo o dia. Com isso não queremos criticar a diretoria anterior em hipótese alguma, mesmo porque eles fizeram um excelente trabalho. Temos que ver daqui para frente.

**De onde vêm as verbas para manter a APAE funcionando?**

**Coneglian:** A maior parte vem da prefeitura. Ela contribui com o transporte, parte da educação, parte da saúde, parte da alimentação que nem aparece o montante, que vem como merenda escolar. O governo federal tem uma pequena participação. Outras verbas vêm do SUS, porque fazemos atendimentos do SUS aqui. Há ainda verbas que são provenientes do trabalho de deputados, mas o grande parceiro é a Prefeitura.

**Athanásio:** O estado contribui com uma verba mensal de R\$ 12 mil para o pagamento de 11 professores.

**Os maiores gastos da APAE estão em que área?**

**Athanásio:** Para o paga-

mento de funcionários. Porque são profissionais técnicos, pessoal de alto nível de atendimento e especializado. Aqui temos fisioterapeuta, fonoaudióloga, dentista, terapeuta ocupacional, professores. Nós poderíamos muito bem colocar dez alunos na classe e por um professor lá, mas não é assim que funciona.

**A prestação de contas é vital para a imagem da entidade, não é mesmo?**

**Coneglian:** É mesmo. Temos que juntar todos os com-

provantes, todos cheques são pagos com cópia, e é preciso fazer prestação de contas com a prefeitura mês a mês. Acho importante que haja o rodízio das pessoas nas diretorias.

Como nós entramos agora procuramos tomar pé da situação, saber como que é, como foi feito, para dar uma seqüência ao trabalho e montar uma estrutura.

**Mas o entrave são os sócios contribuintes?**

**Coneglian:** Na verdade as mensalidades geram um volume, e esse volume foi desvalorizado pela própria deflação, por desistência, seja por empresas que fecharam, pessoas que deixaram de contribuir,

etc. Esse número foi diminuindo. Só que chegou a um valor que já não é mais suficiente. Se nós conseguíssemos elevar o valor das contribuições para R\$ 15 mil estaria perfeito, mas teríamos que manter isso sob controle.

**Como surgiu a ideia da contribuição na conta de água?**

**Athanásio:** Foi em uma de nossas reuniões administrativas. Quando apresentamos o relatório de verbas mensais surgiram várias opiniões e ideias. Alguém então sugeriu a ideia do hospital e a possibilidade de colocar a contribuição na conta de água. Depois fomos conversar com o prefeito, encaminhamos o ofício, conversamos com o SAAE que nos deu o ok, disse que havia a possibilidade de fazer isso. Logo em seguida o assunto foi para a Câmara dos vereadores com o projeto de lei e eles aprovaram. Foi tudo muito rápido.

**Vocês têm uma estimativa de quanto isso pode gerar para a APAE?**

**Coneglian:** Estamos estudando o assunto. Já conversamos com o Alexandre do SAAE sobre como fazer o débito em conta. Para eles, é importante que haja uma autorização assinada pelo contribuinte para o débito, porque eles não podem fazer isso sem autorização do contribuinte. Estamos vendo de que maneira vamos chegar ao contribuinte. Estamos estudando a possibilidade de usar o telemarketing para ser mais ágil ou se montamos uma equipe para ir de casa em casa. Assim que tivermos o esquema montado vamos anunciar para a imprensa, até para que ela possa nos ajudar nesta divulgação.

**O SAAE repassará o valor integral das doações para a APAE ou haverá algum desconto?**

**Coneglian:** Assim que o SAAE baixar os itens deles, vão jogar numa conta as doações recebidas tanto pelo hospital como da APAE. No fim do mês fecha a arrecadação e emite um cheque para as entidades, isso a custo zero, sem descontos para a APAE, porque os custos referentes a operação financeira já estão na conta do SAAE. Vamos receber isso no dia 10 de cada mês.

Um dos receios é que com a conta mais alta, na impossibilidade de quitá-la, o contribu-

inte tem medo de ter o corte do fornecimento de água.

**Athanásio:** Acredito que dificilmente isso vá ocorrer porque a pessoa que vai contribuir estipula uma faixa que possa arcar. Se a conta e a contribuição estão prejudicando o consumidor ele deve ir ao SAAE e pedir a exclusão. Não queremos criar um problema desses. Queremos que a pessoa ajude de todo coração a APAE.

**Como será a comunicação desta opção para a população?**

**Athanásio:** A ideia é uma carta, um comunicado, que será entregue na casa do contribuinte. O SAAE se propôs a entregar, para que as pessoas tomem conhecimento. Na própria carta estamos pensando em colocar já a autorização, um formulário destacável na qual o contribuinte já preenche. Depois temos que ter um grupo para recolher este material.

**Como foram as campanhas e eventos até o momento?**

**Athanásio:** Esse ano tivemos em março o Dia Internacional da Mulher com um jantar que nos propiciou uma receita de R\$ 3.200, em parceria com a Loja Maçônica. Participamos da competição das Gaiolas em Abril, que rendeu R\$ 600. Depois tivemos a Facilpa que gerou a R\$ 10.000 de renda líquida. Na sexta-feira passada tivemos o desfile de modas. No dia 10 de junho vamos fazer um Show de Prêmios no Lions Club, também em parceria com a Loja Maçônica. A Festa da padroeira em Setembro também gera bons rendimentos para a APAE. Vamos participar da Festa Italiana no final de outubro. Em novembro temos a Feira da Bondade da APAE. E no final do ano o tradicional bingo, que nos garante um reforço para o pagamento do 13º salário dos funcionários.

**De que outras maneiras as pessoas podem contribuir com a APAE?**

**Athanásio:** As pessoas podem fazer a doação em débito em conta corrente na Nossa Caixa, Banespa e Banco do Brasil, ou pelo cobrador. Se a pessoa preferir o boleto mandamos para ele. Não recusamos ninguém. Pela conta do SAAE é um meio mais fácil de chegar às casas das pessoas.



# 52º JOGOS REGIONAIS

O ECO, UM SENHOR JORNAL ★★ LENÇÓIS PAULISTA, QUINTA-FEIRA, 10 DE JULHO DE 2008 ★ ANO 71 ★ EDIÇÃO Nº 6.396 ★ A7

## Prova de superação

Atletas PPD conquistam 19 medalhas no atletismo e Lençóis respira aliviado



Equipe de atletismo PPD (Pessoa Portadora de Deficiência) de Lençóis Paulista foi bem nos Jogos Regionais de Lins e trouxe 20 medalhas

**BRUNO SALES**  
ESPECIAL PARA O ECO

Nem o sol escaldante conseguiu ofuscar o brilho das medalhas conquistadas pelos atletas lençoenses que concorreram na modalidade de atletismo PPD (Pessoa Portadora de Deficiência) dos 52º Jogos Regionais de Lins. Os atletas conquistaram 12 medalhas de ouro, seis de prata e uma de bronze, totalizando 161 pontos. A primeira colocação ficou com Piracicaba, que conquistou 225 pontos. A equipe D de Lençóis Paulista é patrocinada pelas empresas Zilor e Atepel.

Entre os destaques da equipe está Diusaléia Oliver, que conquistou medalha de ouro nos 100 metros rasos, prata no arremesso de peso e obteve o primeiro lugar no lançamento de disco, todas provas para cadeirantes. No masculino o destaque ficou para José Carlos de Oliveira, o Baixinho, medalha de ouro no 100 metros rasos, no lançamento de disco, 400 metros rasos, todas para cadeirantes.

O desempenho dos atletas dá novo ânimo à delegação lençoense. Na pontuação geral, Lençóis Paulista permanece em sétimo, mas no quadro geral de medalhas, na sétima vez a equipe

### MEDALHISTAS NO ATLETISMO PPD

#### JOSÉ CARLOS DE OLIVEIRA, O BAIXINHO

3 medalhas de ouro - nos 100 metros cadeirante, no lançamento de disco cadeirante e nos 400 metros cadeirante

#### ALEX SANDRO APARECIDO FERNANDES, K-SUCO

2 medalhas de ouro e 1 de prata - ouro no arremesso de peso cadeirante e no lançamento de dardo para cadeirante; prata no lançamento de disco cadeirante

#### JOSÉ LENÍCIO SANTANA, O CABRITINHA

2 medalhas de ouro - no arremesso de peso cadeirante e no lançamento de disco cadeirante

#### ANTÔNIO CARLOS TAIQUE

1 medalha de ouro e 2 de prata - ouro no arremesso de peso cadeirante; prata no lançamento de dardo cadeirante e nos 400 metros cadeirante

#### GEISIANE RENATA BARBOSA

2 medalhas de ouro - no lançamento de dardo cadeirante e no arremesso de peso cadeirante

#### DIUSALÉIA OLIVER

1 medalha de ouro e 1 de prata - ouro nos 100 metros cadeirante; prata no arremesso de peso cadeirante

#### MARIA DE FÁTIMA BRUNA IKAOVICS

2 medalhas de prata e 1 de bronze - prata nos 100 metros cadeirante e nos 400 metros cadeirante; bronze no lançamento de disco

#### MARCELO MIGUEL GALVÃO

1 medalha de ouro - no lançamento de dardo cadeirante

Fonte: Comitê Dirigente dos Jogos Regionais de Lins

Perantoni explica que teve dez atletas participando desta edição, os quais treinam, em média, três vezes por semana. A equipe intensificou os treinamentos no último mês por causa dos Jogos Regionais. O técnico lençoense comenta que, muito mais importante do que as medalhas, é a socialização dessas pessoas através do esporte. "Muitos deles (atletas) melhoraram a socialização com a família, amigos e principalmente com pessoas diferentes do convívio. Toda a delegação também 'adotou' os atletas especiais, torcendo e vibrando nas provas que eles disputam", comemora o técnico.

Ao todo, foram 14 provas adaptadas para os deficientes, classificados pelo nível de lesão (classificação funcional), como explica Fábio Luis Lombardi, árbitro especializado em PPD e responsável pela classificação dos atletas.

"Estamos percebendo que a cada ano aumenta o número de atletas PPD participando das competições. Isso é ótimo, pois o esporte é um importante instrumento integrador do deficiente na sociedade, além disso, é significativa a melhora física e da auto-estima do atleta deficiente, já que muitos que quando tinham uma vida normal não desenvolviam nenhuma atividade física, agora



# 52º JOGOS REGIONAIS

O ECO, UM SENHOR JORNAL ★★ LENÇÓIS PAULISTA, TERÇA-FEIRA, 15 DE JULHO DE 2008 ★ ANO 71 ★ EDIÇÃO Nº 6.398 ★ E1



Foto: Jornal O ECO

Ontem, delegação de atletas lençoenses foi mostrar as medalhas e troféus conquistados em Lins ao prefeito José Antonio Marise

## Superação

Diretoria de Esportes comemora desempenho lençoense nos Jogos Regionais de Lins; delegação fechou em sétimo lugar, como 22 ouros, 13 pratas e nove bronzes

### KÁTIA SARTORI

Lençóis Paulista pode estar na segunda divisão dos Jogos Regionais no próximo ano, caso o sistema de disputa colocado em prática em 2008 seja mantido. Mesmo assim, o diretor de Esportes e Recreação, José Lenzi Neto, comemora o resultado obtido em Lins. Segundo ele, uma reunião marcada para setembro deve definir se a competição continuará sendo disputada em primeira

e segunda divisão.

A delegação lençoense figurou no grupo de elite. Para se manter no grupo dos mais fortes no próximo ano, precisaria do sexto lugar. As três últimas colocadas do grupo de elite caem para a segunda divisão. As duas delegações com melhor desempenho na segunda divisão sobem para o grupo de elite.

Os atletas lençoenses encerraram a participação nos Jogos Regionais com 44 medalhas e

151,5 pontos na classificação final. Foram 22 medalhas de ouro, 13 de prata e oito de bronze. "A performance dos nossos atletas foi acima da expectativa, principalmente no quadro de medalhas", avalia Zé Lenzi. Apesar de ter ficado em sétimo, Lençóis ficou pouco mais de 20 pontos atrás do sexto colocado, Santa Bárbara D'Oeste, que teve 175 pontos. Na edição anterior, a diferença para o sexto colocado, que também foi Santa Bárbara,

era de aproximadamente 70 pontos. "Encurto a distância em relação ao sexto colocado e abrimos vantagem em relação ao oitavo", comemora Zé Lenzi.

Das 22 medalhas de ouro, a maioria foi conquistada pelo atletismo PPD (12), atletismo (2), natação PPD (2) e capoeira (3). A equipe de vôlei masculino (sub 21) garantiu o heptacampeonato. Os bochófilos lençoenses foram campeões pelo terceiro ano consecutivo.

### MEDALHISTAS NO ATLETISMO

#### ALINE APARECIDA RIBEIRO

Bronze nos 100 metros com barreira, 100 metros rasos e ouro no heptaplo

#### ALINE DA SILVA

Bronze nos 400 metros com barreira e prata no salto em altura

#### GRÁZIELA APARECIDA CORREIA

Bronze no arremesso de martelo

#### ANABELA PORTES NETO

Ouro no arremesso de martelo e lançamento de disco

### MEDALHAS DE LENÇÓIS PAULISTA

MODALIDADE	OURO	PRATA	BRONZE
Natação PPD	2	-	-
Atletismo PPD	12	8	1
Capoeira	3	2	-
Atletismo	3	2	5
Vôlei masculino	1	-	-
Vôlei feminino	-	-	1
Bocha	1	-	-
Biribol	-	-	1
Tênis feminino	-	1	-
<b>TOTAL</b>	<b>22</b>	<b>13</b>	<b>8</b>

### 1ª DIVISÃO

#### PONTUAÇÃO FINAL

CLASS	PONTOS	MUNICÍPIOS
1ª	360	Piraicabana
2ª	306	São Carlos
3ª	248	Jauá
4ª	225,5	Bauru
5ª	194	Botucatu
6ª	175	Santa Bárbara D'Oeste
7ª	151,5	Lençóis Paulista
8ª	124	Lins
9ª	115	São Manuel



Foto: Jornal O ECO

**TRICAMPEÃO** Os bochófilos lençoenses confirmaram o favoritismo e voltaram para casa com o tricampeonato em Jogos Regionais. A decisão foi contra São Manuel e a vitória foi de 2



Foto: Lucien Lutz

**FORÇA NA ÁGUA** Mais uma vez, o biribol de Lençóis Paulista teve presença garantida no pódio dos Jogos Regionais, desta vez com a medalha de bronze. O time formado por Leandro,



Foto: Aline Fu

**EXEMPLO NA PISTA** Os atletas lençoenses que concorrerá modalidade de atletismo PPD (Portador de Deficiência Física) do Jogos Regionais de Lins conquistaram 12 medalhas de ouro, sete pratas e uma de bronze. A equipe é patrocinada pela Zilor e pelo tpep. José Carlos de Oliveira, o Baixinho, ganhou três medalhas

## Super especial

Atletismo especial fatura 16 medalhas, 12 delas de ouro;

Lençóis também ficou com o troféu de vice na modalidade

### LUCIEN LUIZ

O atletismo especial de Lençóis Paulista, como já é de praxe, não deixou a desejar nos Jogos Regionais de Pirassununga. Na segunda-feira 20, a equipe faturou 16 medalhas na pista, 12 delas de ouro.

Os resultados renderam à equipe o troféu de vice-campeã na classificação geral, uma melhora significativa em relação ao ano passado, em Lins, quando os lençoenses terminaram em terceiro lugar no geral.

As medalhas de ouro vieram com Diusaléia Oliver (100 metros rasos), José Carlos de Oliveira, o Baixinho, (400 me-

tros rasos), José Santana, o Ca-britinha, (arremesso de peso e de disco), Alex Sandro Aparecido Fernandes (arremesso de peso e lançamento de dardo), Baixinho (arremesso de peso e lançamento de dardo), Geisiane Renata Barbosa (arremesso de peso e lançamento de dardo) e Marcelo Galvão (lançamento de dardo e arremesso de disco).

As pratas foram conquistadas com Maria de Fátima Brunaikovics (100 e 400 metros rasos), Antônio Carlos Tatoque (400 metros rasos) e com Diusaléia (arremesso de peso).

A expectativa do grupo era melhorar a participação

em relação ao ano passado. Um objetivo foi cumprido e a tendência é melhorar ainda mais nas próximas edições dos Regionais. "O grupo se preparou muito para essa competição, que é uma das principais do ano. Já esperamos uma boa participação. Acredito que as medalhas de ouro demonstram o quanto a equipe se dedicou para a competição", comenta o técnico lençoense de atletismo, Rafael Blanco.

"É um trabalho que vem de algum tempo e que está dando resultados. Claro que a dedicação e a vontade de toda a equipe contam muito para esse desempenho", destacou

Aline Furlanetto

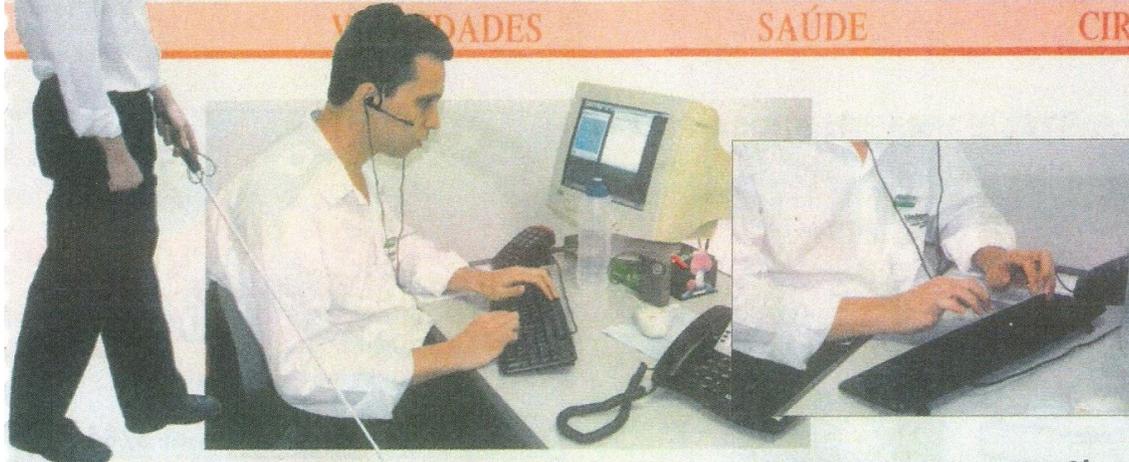


Atletismo especial conquistou 16 medalhas e garantiu segundo lugar na classificação geral

José Lenci, chefe da delegação de Lençóis.

Os atletas também foram classificados para a disputa dos Jogos Abertos do Interior, em outubro, em São Caetano

do Sul. Neste ano, a equipe especial de atletismo de Lençóis disputa os Jogos Regionais de Pirassununga com Alex Sandro Aparecido Fernandes, Marcelo Galvão, José Santana, Adalberto dos Santos, José Luiz Barbosa, Diusaléia Oliver, Maria de Fátima Brunaikovics, José Carlos de Oliveira, Antônio Carlos Tatoque e Cristiane Renata Barbosa.



## Um exemplo de força e superação

Aos 23 anos e com deficiência visual, Wesley trabalha como telefonista e prova que a deficiência não impede a busca por sonhos e a conquista profissional

2006. O que seria um ano de recordações ruins para Wesley Toniões Dutra, 23 anos, se tornou na verdade, uma referência de coragem, determinação e superação de limites. Na época, com apenas 20 anos, Wesley perdeu por completo a visão em decorrência de uma doença degenerativa da retina. Desde então a determinação em continuar o incentivou a buscar aulas de braille e locomoção. "Fui para Bauru no Lar Santa Luzia onde aprendi o braille. Depois vim para a AMU (Associação das Mulheres Unimedianas), onde aprimorei meus conhecimentos, aprendi locomoção e conheci vários amigos", comentou.

A perda da visão foi de forma gradativa até 2006, quando se perdeu por total. "Nasci com visão subnormal e em 2005 já comecei a ter dificuldades até que perdi totalmente a visão em 2006. Para essa minha doença não existe tratamento, mas tenho esperanças nas pesquisas com células tronco".

O "retomar as atividades" de Wesley foi além de uma simples adaptação à sua deficiência. Sem se abater e com apoio dos pais, irmãs e amigos, ele voltou a estudar, aprendeu o braille e atualmente está fazendo curso pré-vestibular. Para memorizar tudo que é dito em sala de aula, ele grava as matérias para depois poder estudar. O próximo objetivo agora é cursar a faculdade de pedagogia, o que pretende realizar no próximo ano.

Mas os desafios não pararam por aí. Wesley tem computador adaptado e domínio na informática, com acesso a MSN e e-mails. Pelo programa de computador desenvolvido especialmente para deficientes, é possível utilizar todos esses aplicativos de forma rápida e dinâmica. Ao entrar em um site, por exemplo, todo o conteúdo da página é ditado para o usuário e o próprio computador instrui o deficiente sobre as opções de ferramentas.

Há um ano e dez meses Wesley trabalha na Unimed

como telefonista. "Esse foi meu primeiro emprego, minha primeira oportunidade no mercado de trabalho. Gosto do que faço e das pessoas que convivo, pois acreditaram em mim, na minha capacidade", disse.

Em razão do emprego, Wesley pega todos os dias ônibus circular e depois ainda caminha alguns quarteirões até chegar ao emprego. "No início meus pais tinham um pouco de receio, zelo e medo que me acontecesse algo. Hoje não. Pego minha bengala e minha mochila e vou".

Mesmo com a farta informação dos meios de comunicação, Wesley afirma que ainda existe preconceito em relação aos deficientes visuais. "As pessoas muitas vezes acabam se afastando com receio. Não acredito que façam por maldade, acho que falta conhecimento".

### Não é o fim

Para Wesley, a vida não acaba após uma perda física ou sen-

sorial. Ele garante que sempre há um recomeço, em qualquer situação e que a pessoa deve se adaptar e ser feliz. "Não é fácil, eu sei bem disso, mas acho que para conquistarmos aquilo que queremos tem de haver determinação e força de vontade. É possível, sim, superar a limitação. Com esforço, a pessoa pode alcançar muitos objetivos. Costumo dizer que temos cinco sentidos, eu perdi apenas um, ainda me restam quatro".

Além da vida profissional, ele disse que gosta de sair à noite com amigos e viajar. "Já fui para São Paulo e Rio de Janeiro de ônibus e sozinho. Não tenho medo, as dificuldades existem para serem enfrentadas", ressaltou Wesley.

paraolimpiada

David Holding lidera a prova em que bateu o recorde mundial dos 100 metros rasos em cadeira de rodas. Ganha leve deficientes a superar os próprios limites



# A vontade faz milagres

Enquanto você, com tudo no lugar, fica grudado na TV, eles vão à luta nas quadras. Os atletas paraolímpicos provam que não há limites para a disposição de vencer

Por MAURICIO RIBEIRO

Quando os últimos participantes da Olimpíada estiverem voitando para casa, após o final dos Jogos, outros 4.000 atletas estarão desembarcando no aeroporto de Sydney. Não, eles não são retardatários compulsivos. Esses competidores vão participar da XI Paraolimpiada, que reúne deficientes físicos de todo o mundo. De 18 a 29 de outubro, eles disputarão medalhas em dezotto esportes diferentes, como o futebol, o basquete em cadeira de rodas, a natação e o atletismo. Para o Brasil, os Jogos Paraolímpicos têm rendido bem mais medalhas do que as competições tradicionais. Nas últimas três Olimpíadas para deficientes (Seul-88, Barcelona-92 e Atlanta-96), os brasileiros ganharam 55 medalhas, entre elas nove de ouro, enquanto que os atletas olímpicos trouxeram dos Jogos correspondentes apenas 24, das quais seis eram de ouro.

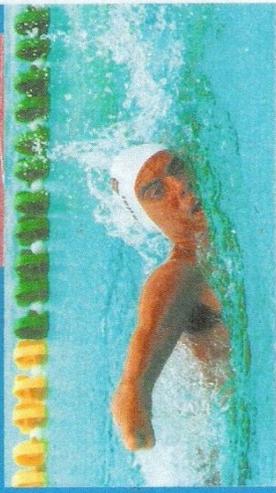
Essa diferença deve crescer depois de Sydney. Muitos dos 65 competidores da delegação paraolímpica brasilei-

## Superbrasileiros



Adria Rocha, cega, é favorita à medalha de ouro nas provas de 200 e 400 m rasos para deficientes visuais. "O esporte me deixou mais segura para andar sozinha"

Sueli Guimarães perdeu as pernas quando criança, vítima de atropelamento. Hoje é recordista mundial no lançamento de disco: "Tirei 3 horas todos os dias"



Aos 18 anos, Luis Silva vai estrear em Paraolimpiadas. O nadador, que nasceu sem as duas mãos e um dos braços, é certeza de ouro: "O esporte me deu objetivos"

ra têm chances de vitória. "Quero voltar de lá com três ouros no peito", diz a corredora Adria Rocha, 26 anos, um dos destaques da delegação. Completamente cega, ela vai disputar as provas de 100, 200 e 400 metros rasos para deficientes visuais. "Para isso, estou treinando forte 3 horas por dia", afirma. Adria já tem um ouro paraolímpico — venceu os 100 m em Barcelona-92. Outra esperança é o nadador Luis Silva, atual recordista mundial dos 50 m, 100 m, 200 m livre e 50 m borboleta na categoria "amputados". "Desde que comecei a competir, aos 13 anos, botei na cabeça que iria participar dos Jogos", diz Silva, estrea em Paraolimpiadas.

A atleta Sueli Guimarães, 42 anos, recordista mundial no lançamento de disco e ouro em Barcelona-92, acredita que a grande contribuição da Paraolimpiada é dar um golpe no preconceito contra o deficiente físico. "O esporte mostra que podemos superar as limitações também no dia-a-dia". Ela perdeu as duas pernas num acidente, aos 7 anos de idade, atropelada por um bêbado. ■

## Um raio na escuridão

Guardie este nome: Maria Kuyun. Ela é a última corredora americana, especialista na prova dos 1.500 m rasos. Mesmo que não conquistasse nenhuma medalha em Sydney — o que é provável que aconteça —, ninguém mais vai se esquecer de Maria por um simples detalhe: ela é cega. Isso mesmo! A atleta tem apenas 10% da visão e, por isso, não percebe nada mais do que vultos ao seu lado. Note bem: ela está participando das Olimpíadas normais, e não dos Jogos para deficientes. Maria conquistou vaga na poderosíssima equipe olímpica dos EUA durante as seleções realizadas em julho. Ficou em terceiro lugar, com o tempo de 4min06.44 (o recorde mundial da prova é 3min55.27), e foi aplaudida pelos mais de 20.000 espectadores. "Não posso esquecer as carícias que recebo de pessoas que sofrem o mesmo problema que eu", disse, após a conquista da vaga. "É bom poder influir positivamente na vida delas."

Aos 31 anos, Maria é uma supercampeã paraolímpica, ganhadora de medalhas de ouro nas Paraolimpiadas de Barcelona-92 e de Atlanta-96. Mas sempre quis correr também com atletas que não tivessem deficiência física. Na Olimpíada passada, ela já havia tentado uma vaga na equipe de heptatlo (prova que reúne sete modalidades diferentes), mas ficou em sétimo lugar nas seleções e não se classificou. Em Sydney, ela vai realizar o sonho, ao competir como atleta olímpica.

"Maria é extraordinária, tem uma força incrível", diz seu treinador, o ex-atleta Mark Manley. Alguém duvida?



A corredora americana Maria Kuyun enverga apenas vultos. Ela superou rivais com visão normal e vai ser a primeira atleta a passar de paraolímpica a olímpica

# “VAI QUE É



**ALÉM DA GARRA**  
Adria prestes a ganhar o ouro nos 100 metros rasos (à dir.) e o nadador Cledoaldo Silva, que voltará para casa com pelo menos três medalhas de ouro

**A capacidade de superação e os segredos científicos e tecnológicos por trás do sucesso e das medalhas conquistadas pelos atletas paraolímpicos brasileiros nos Jogos de Atenas**

# OURO”



**EDUARDO MARINI  
E PATRICIA PAPPALARDO**

**A**s semanas seguintes às Olimpíadas têm sido carregadas de emoções fortes nos últimos anos. Entre surpresos e comovidos, os brasileiros acompanhavam atletas do País com algum tipo de limitação física na luta para superar as barreiras mais variadas e arropelar recordes pessoais e gerais para conquistar, na Paraolimpíada, um número maior de pódios do que os obtidos pelos colegas dias antes, nos Jogos mais badalados. Ao que tudo indica, a bonita história de superação será repetida agora, em Atenas, pelos 98 atletas (21 mulheres e 77 homens) enviados pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB) para disputar 13 dias 19 modalidades dos Jogos.

Ao final dos seis primeiros dias de competição, o Brasil ocupava a 15ª posição no ranking geral e a 18ª na soma de medalhas entre os 136 países em disputa, com 14 medalhas – oito ouros, seis pratas e dois bronzes. O número de medalhas douradas já é recorde em participações paraolímpicas. “O total de pódios não será muito maior do que o de Sydney”, especula de Atenas, Marco Túlio de Mello, professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e coordenador da equipe de avaliação do CPB, uma das mais eficientes do mundo paraolímpico (leia quadro). “Deveremos ganhar

# ATENAS 2004 PARAOLIMPIADAS

## ► Brasil paraolímpico

O desempenho dos atletas nos Jogos em números

- **14** medalhas em Atenas (oito ouros, quatro pratas e dois bronzes) até o sexto dia de competição
- **15º** lugar no ranking geral e **18º** no total de medalhas em Atenas até o sexto dia de competição. A meta do Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB) é ficar entre os **20** primeiros
- **24º** lugar geral em Sydney 2000, com **22** medalhas – seis ouros, dez pratas e seis bronzes
- Projeções do CPB mostram chances de ganhar entre **22** e **25** medalhas, sendo de **12** a **14** douradas
- **98** atletas (**21** mulheres e **77** homens) em **13** das **19** modalidades dos Jogos, uma delegação **53%** maior que a enviada a Sydney (**64** pessoas)
- Comissão multidisciplinar com cinco médicos e quatro psicólogos na vila olímpica

entre 22 e 25 medalhas. O que mostrará o avanço será, sem dúvida, o total de ouros. Espero vitórias no futebol, outras na natação e também na maratona. Aposto em pelo menos 12 ouros”, completa Mello.

A turma brilhante é liderada por três atletas especiais: os velocistas Ádria dos Santos e Antônio Delfino e o nadador Clodoaldo Francisco Silva. Ádria, cega desde os 14 anos, é um fenômeno. Na segunda-feira 20, conquistou nos 100 metros rasos sua quarta medalha de ouro em cinco olimpíadas, com 12s55 – tempo apenas dois segundos e seis centésimos maior do que o recorde mundial de 10s49, da americana “normal” Florence Griffith-Joyner. Durante a prova, o guia de Ádria, Jorge Silva; o Chocolate, gritou “vai, vai, vai!”. Na reta final, quando a liderança da brasileira se consolidou, ele passou a berrar: “Vai, vai, vai que é ouro, vai que é ouro, vai que é ouro...”, enquanto o sorriso da atleta se abria. Ao todo, Ádria soma dez meda-



**TENÓRIO** Bom humor e golpes precisos no judô

GASPARI ROBEAGAPRE DIVULGAÇÃO

lhas em paraolimpíadas, seis delas de prata. Em Atenas, poderá ganhar pelo menos mais duas, nos 200 metros rasos, com grande chance de levar outro ouro, e também nos 400 rasos.

Clodoaldo, com atrofia nas pernas, evoluiu de forma fulminante. Até a madrugada de sexta-feira 24, tinha ganho três ouros, nos 100 e 200 metros livre e nos 50 borboleta. Muitos apostavam que ele ainda levaria pelo menos mais uma dourada. Ganhou apelidos – Clodoaldo *Recorde* da Silva e “Michael Phelps do Brasil” são alguns deles. As outras medalhas de ouro foram conquistadas pelo excelente Antônio Delfino, atleta com uma das mãos amputadas que venceu os 200 e os 400 metros rasos, por André Garcia, deficiente visual, também ganhador nos 200 metros rasos, e pelo bem-humorado judoca Antônio Tenório, também cego, na categoria até 100 quilos. São provas de que dar chances é o melhor antídoto contra a necessidade de sentir pena. ■

trots livre e nos 50 borboleta. Muitos apostavam que ele ainda levaria pelo menos mais uma dourada. Ganhou apelidos – Clodoaldo *Recorde* da Silva e “Michael Phelps do Brasil” são alguns deles. As outras medalhas de ouro foram conquistadas pelo excelente Antônio Delfino, atleta com uma das mãos amputadas que venceu os 200 e os 400 metros rasos, por André Garcia, deficiente visual, também ganhador nos 200 metros rasos, e pelo bem-humorado judoca Antônio Tenório, também cego, na categoria até 100 quilos. São provas de que dar chances é o melhor antídoto contra a necessidade de sentir pena. ■

## “ELES SÃO ATLETAS, NÃO COITADINHOS”

As imagens dos deficientes brasileiros, do esforço das performances ao orgulho dos pódios, remetem à idéia de que tudo é fruto exclusivo da obstinação dos atletas. Eles, os atletas, são de fato modelos acabados de capacidade de superação, os heróis dessa história. Mas as explicações para os resultados, capazes de levar muita gente a se perguntar por que eles ganham mais medalhas do que os olímpicos, vão além da garra. Há dez anos, alguns dos melhores médicos, educadores, fisiologistas e psicólogos de seis universidades públicas brasileiras trabalham para impulsionar o desempenho dessa turma. A experiência, considerada de ponta na preparação paraolímpica mundial, está reunida no kit de livro e fita de vídeo *Avaliação clínica e da aptidão física: conceitos, métodos e resultados*, organizado pelo

coordenador da equipe de avaliação do CPB, Marco Túlio de Mello. O kit foi entregue a cada um dos 136 comitês dos países participantes dos Jogos e, na quinta-feira 23, lançado em Atenas durante os Jogos. Não se trata de apoio exagerado. No Brasil, Mello e seus colegas fazem pelo menos quatro grandes avaliações dos atletas por ano. Cada uma custa R\$ 85 mil e gera relatórios que ajudam a planejar treinos. Muitas vezes, a urgência instiga a criatividade. Uma esteira elétrica, importada por US\$ 45 mil, foi adaptada para suportar cadeiras de roda.

O nadador Clodoaldo Silva, nosso Phelps paraolímpico, conseguiu, em menos de quatro anos, reduzir entre 20% e 35% seus tempos médios e em espantosos 40 se-

gundos a marca nos 200 m livre – na segunda-feira 20, bateu o recorde mundial da prova com 2min55s75. Aumentaram o número, a velocidade e a extensão de suas braçadas, que foram de 1,53m para 1,87m. Seus movimentos, filmados por câmeras subaquáticas, receberam correções. “Eles são atletas,

não coitadinhos”, completa Mello. Nada disso se faz sem algum dinheiro. Ainda não se tem o ideal, mas, de 2001 para cá, as Loterias da Caixa, o principal patrocinador, repassaram R\$ 27,9 milhões. Além disso, o comitê recebe 15% dos recursos da lei Agnelo-Piva, que destina 2% da renda das loterias federais ao esporte. Em 2003, foram R\$ 9,84 milhões para o caixa.



**LIVRO** Trabalho de Mello foi mostrado nos Jogos de Atenas

## Coragem

# Jovem dá exemplo de amor à vida

Aos 19 anos, o morador de Bauru Tarso Caldato Teles é um exemplo de vida. Portador de paralisia cerebral, ele contagia as pessoas com a sua inteligência e vontade de viver. **Pág. 8**

Eder Azevedo



Tarso está sempre de bem com a vida; na foto, com Vera Casério e Luciana Caetano

# Tarso é um exemplo de amor à vida

Estudante com paralisia cerebral mostra que a falta de movimentos não impede a pessoa de viver bem e ajudar os outros

Marcelo de Souza

Antes de começar a ler essa reportagem, faça uma reflexão: o que falta na sua vida hoje? Você tem casa, carro, conta bancária, emprego, família, amigos? Se tem, valoriza tudo isso? Se falta alguma dessas coisas na sua vida, qual sua atitude? Senta e reclama, ou tenta mudar de alguma forma? Espera cair do céu, ou vai à luta todos os dias?

Afinal, quantas vezes reclamamos da vida por coisas banais? Quantas vezes brigamos com familiares e amigos por causa do futebol? Quantas vezes deixamos de dar valor a uma série de pequenas coisas, que apesar de mínimas, fazem toda a diferença no final das contas?

Depois de refletir sobre essas e outras situações, está a hora de conhecer Tarso Caldato Teles, 19 anos, portador de paralisia cerebral, que comprometeu as funções motoras de seu corpo, mas não o impediu de viver. Pelo contrário, ele vive, e muito bem, sua vida, apesar de todas as limitações que lhe foram impostas.

O fato de não se locomover sem a ajuda de uma cadeira de rodas, de precisar sempre da presença de alguém para auxiliá-lo nas necessidades básicas, não interfere na condução daquilo que ele define como a maior dádiva de Deus, a vida. Tarso está sempre sorrindo, e as pessoas que o cercam tomam isso como exemplo. "Ele muda a vida das pessoas", conta a cuidadora Luciana Caetano, que o acompanha há quatro anos.

A história de Tarso começa no dia em que ele nasceu em São Paulo, há 19 anos atrás. O cordão umbilical estava mal posicionado e na hora do parto, ele ficou enroscado em seu pescoço, impedindo a passagem de oxigênio. Por uma questão de segundos, o estudante deixou de levar uma vida considerada normal.

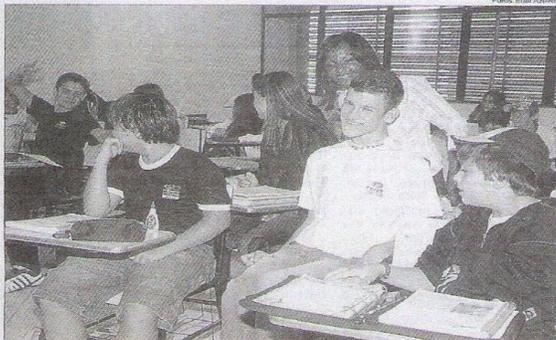
Sua mãe, Ivone Caldato Louza, não Teles, conta que sabia da possibilidade de seqüelas, e começou cedo a perceber que a criança era diferente das outras. "Quando ele tinha quatro meses eu comecei a perceber que ele era mais molinho do que as outras crianças. Minha intenção, a partir daí, sempre foi buscar o melhor para ele, para no futuro ele não me cobrar e eu falar que poderia ter feito alguma coisa e deixei de fazer alguma coisa por ele", comenta. A julgar pelas palavras de Tarso, Ivone não deixou de fazer nada por ele. "Minha mãe é minha amiga, minha auxiliadora e é muito importante na minha vida", relata.

Tarso se comunica através de uma prancha que contém as letras do alfabeto. Ele aponta as letras e a cuidadora Luciana escreve no papel o que ele quer dizer. Logo no início da conversa, ele deixou bem claro que não há lugar para tristeza onde está. "Sou feliz, porque tenho uma família que me ama muito, tenho amigos, vou ao cinema e ao shopping", diz.

Ou seja, Tarso faz tudo que um jovem normal faz: adora comida, coca-cola, música sertaneja, MPB, poesia, e paquerar. "Ele faz um tremendo sucesso com as mulheres", entrega Luciana. É pelo que a reportagem pôde constatar, não é só com as alunas do Colégio Fênix, onde ele estuda, mas com as professoras e funcionárias também. "Hoje ele é um excelente aluno, muito querido e ama todo mundo", afirma Luciana.

## Voluntário

Curioso o último ano do ensino fundamental, Tarso já decidiu que vai parar de estudar no próximo ano, para se dedicar a trabalhos voluntários com entidades. Testemunho de Jeová, ele quer dedicar parte de seu tempo para ensinar as pessoas a lerem a Bíblia e se aproximarem de Deus. De acordo com ele, a intenção é ajudar as pessoas a valorizarem mais a vida, conhecendo a palavra de Deus. Tarso cita um de seus trechos favoritos da Bíblia, retirado do livro do Apocalipse, capítulo 21, versículo 4: "Ele enxugará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem haverá mais pranto, nem lamento, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas".



Tarso, que se comunica através de uma prancha, vive sorrindo e alegre quem o cerca

## A coragem de largar tudo pelo filho

Imagine querer se comunicar com seu filho e não poder. Não saber porque ele chora, quais são suas necessidades. Ivone Caldato Louziano Teles passou por tudo isso, mas superou por amor. Quando soube que seu filho teria problemas por causa da falta temporária de oxigênio no cérebro, durante o parto, Ivone começou a procurar soluções para o problema.

Ela conta que começou a ir atrás de médicos e fisioterapeutas para fazer avaliação e descobriu que o problema de Tarso era não tivesse atividade cerebral normal. Quando Tarso completou sete anos de fazer. "A gente tem que aprender a lidar até com a ansiedade, porque o tempo vai dizer e você vai correndo atrás", diz.

Na época, a família morava em São Paulo, mas por causa da violência da Capital, decidiu se mudar para o Interior. Assim, Ivone e o marido, Walter Fernandes Teles, vieram para Bauru com Tarso e o colocaram em uma escola especial. No entanto, o trabalho na escola não foi satisfatório, já que o garoto conhecia cores, formas, e na escola em questão, as pessoas o tratavam como se ele não tivesse atividade cerebral normal.

Quando Tarso completou sete anos, Ivone descobriu uma escola em Sorocaba para crianças com paralisia cerebral sem comprometimento mental, como Tarso. Ela conseguiu transferência do trabalho e foi com o filho para Sorocaba, por onde

permaneceram três anos. Aos poucos, os colegas foram encaminhados para escolas normais, dentro de um projeto de inclusão do governo. No entanto, Tarso tinha mais comprometimento que os demais e não foi. "Aconteceu que ele queria ir de todo jeito e estava ficando frustrado. Então nós começamos a ir atrás de escolas até conseguirmos uma, com a ajuda de uma pedagoga, que nos acomodou", conta.

Quando Tarso entrou na quarta série, Ivone resolveu voltar para Bauru e matriculou Tarso no Fênix. "Aqui ele não teve mais problema nenhum. Tudo fluiu de forma muito fácil, até melhor do que minha expectativa", conta.

Quem contribuiu bastante para essa facilidade foi uma das professoras mais queridas de Tarso, Zélia Maria Mendonça Lopes Bueno. "Ela foi muito importante nesse processo todo, porque o Tarso sempre gostou de escrever, ele faz poesia, transforma as redações em poesia (leia mais nesta página), e a Zélia começou a levar para as outras classes", relata.

Com isso, as crianças de outras salas passaram a se interessar por Tarso e pela sua história e Zélia conseguiu a levá-lo para conversar com os outros alunos. "Isso acabou um pouco aquela coisa de afastar, de ver como deficiente. Como mãe, o fato de não ver preconceito, é um prêmio muito grande", afirma. (MS)

## "Ele mudou nossas vidas"

Basta passar um pequeno período em companhia de Tarso para perceber o quanto de carinho ele transmite e recebe. Não é à toa que a professora de língua portuguesa Giselle Parreira define o aluno como "um anjo que surgiu em minha vida". Para ela, a presença de Tarso na sala de aula é uma bênção, já que a ele é atribuída a mudança do comportamento dos alunos.

Uma das maiores mudanças foi sentida pelo aluno Roger Peranton Bigela, de 14 anos. Ele conta que não conseguia se concentrar nos estudos quando chegou ao Fênix. Aos poucos, Roger foi se aproximando de Tarso e criando um laço de amizade com ele. "O Tarso me ajudou muito. Acho que se não fosse por ele, eu não estaria na oitava série", afirma.

Na classe, os colegas não cansam de elogiar Tarso, como ele é carinhoso, da sua alegria de viver e de que não importa o que aconteça, ele sempre consegue tirar o melhor de cada um. "O Tarso é uma lição de vida", diz Leonardo Amantini. "Ele tem essa dificuldade, precisa de pessoas ajudando ele diariamente, e a gente consegue fazer as coisas sozinhos, mas ele está sempre presente, me dedicando muito para ter um futuro bom, fazendo e aprendendo as mesmas coisas que nós", ressalta Marina Galbieri.

Além de todas as qualidades apontadas, Tarso ainda faz um tremendo sucesso com as meninas. A professora Giselle comenta que alguns alunos chegaram a ter ciúmes, por causa da atenção que ele recebia das colegas e das professoras. (MS)

## Minha Cabeça

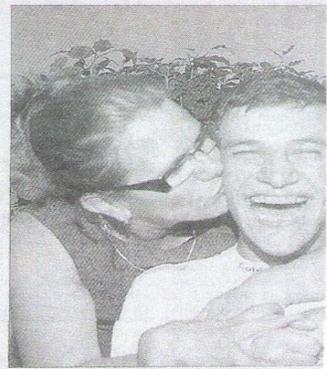
Por Tarso Caldato Teles

"Tenho cabelos castanhos, olhos verdes, um grande que eu não gosto muito, mas uma boca que rindo para tudo. Mas é dentro da minha cabeça que coisas acontecem. Quando eu era pequeno, ficava triste quando queria pegar um brinquedo, focar, e conseguia."

Aí, minha mãe me ensinou que eu tenho limites em coisa que eu posso e tem coisa que eu não posso fazer. Hoje, eu sei onde são os meus limites. Meu sonho, como todo mundo deve saber, é andar de mãos dadas com minha mãe. Esse é meu maior sonho; eu ando ao lado da minha mãe, caminhar de mãos dadas."

Meu pai é muito importante, porque nele eu uma figura que me faz ser forte. Minha irmã G, amadureceu muito por causa do meu problema. Quando vem um pensamento triste na minha cabeça porque vem, acho, na cabeça de todo mundo, eu penso em algo que me deixa feliz. Me deixa feliz, que tem pessoas que me amam, me deixa feliz sabe esse mundo, um dia, não vai ser ruim como é hoje, pessoas vão se amar e se respeitar mais."

O que me deixa muito feliz também são os amigos no Salão do Reino. A esperança de viver em mundo, em um lugar diferente, no paraíso, essa perspectiva de vida me deixa muito feliz. Então, para todo mundo que às vezes tem uma tristeza no coração, pense atrás sempre tem uma coisa pior e, lá na frente, sempre tem algo melhor, e uma esperança maravilhosa no futuro para a gente".



Ao revelar que seu sonho é caminhar de mãos dadas com a mãe Ivone, Tarso dá lição de vida

## Vivendo e ensinando a viver

Impossível entrar no Colégio Fênix e encontrar Tarso Caldato Teles sem ser interrompido a todo momento. Todos querem abraçar, beijar, conversar com ele, ele recebe a todos com o mesmo sorriso franco, como se existisse nada mais importante na vida do que ele. E eu me pergunto, será que há?

Confesso que ao chegar na Redação do JC e receber a pauta da editora-chefe Giselle Hilário, pensei: uma daquelas pautas. Mau humor puro, confesso, que durou 30 segundos ao encontrar o entrevistado.

Ao ver como Tarso reage às manifestações de carinho, ao ouvi-lo contar um pouco de sua história, e gostar de fazer, da sua relação com a família, os amigos e os professores, é possível perceber que não há problema, tristeza ou mau humor que impeçam a gente de viver.

E viver deveria ser algo simples, não o que faz da vida. É lógico que vamos culpar a correria do dia a dia, contas para pagar, o trabalho estressante e tudo sempre usamos como desculpa, mas desde quinta-feira, 20 de março, às 9h30, percebi que há mais além do que pensamos existir.

Mesmo sem saber, ou talvez, já sabendo o que estava fazendo, Tarso me ensinou muitas coisas. Em pouco mais de uma hora, ele me mostrou sorrir é uma coisa simples, e que o sorriso deve ser espontâneo, não forçado, deve ser espontâneo. Não sempre vem me lembrar de viver bem minha vida com certeza, Tarso me deu um presente na Páscoa presentes dados com o coração, dificilmente são esquecidos. (Marcelo de Souza)

## Recado para os leitores

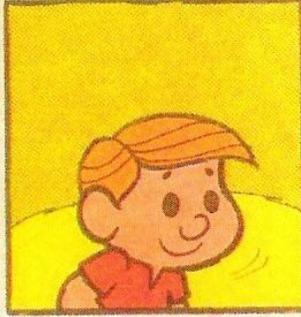
No final da entrevista com o estudante Tarso Caldato Teles, a reportagem pediu que ele desse um recado para os leitores do Jornal da Cidade. Abaixo transmitimos o que ele transmitiu.

"As vezes as pessoas pensam muito nos problemas e esquecem das soluções. Quando eu era pequeno, eu não conseguia andar, ainda não conseguia, nem por isso fico triste. Hoje eu gostaria muito que as pessoasoubessem olhar o presente que Deus deu, que é a vida. Aproveite a família que tem, aprender a ter respeito, amor, e acima de tudo, amar a Jeová Deus". (MS)

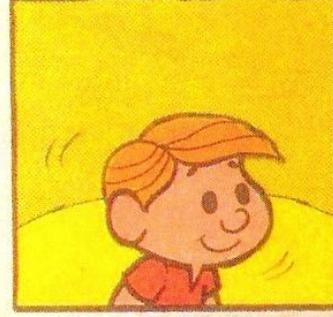
ESTE É HAMYR! UM GAROTO BACANA, SIMPÁTICO, COMUNICATIVO...



GOSTA DE FALAR... GOSTA DE BRINCAR...

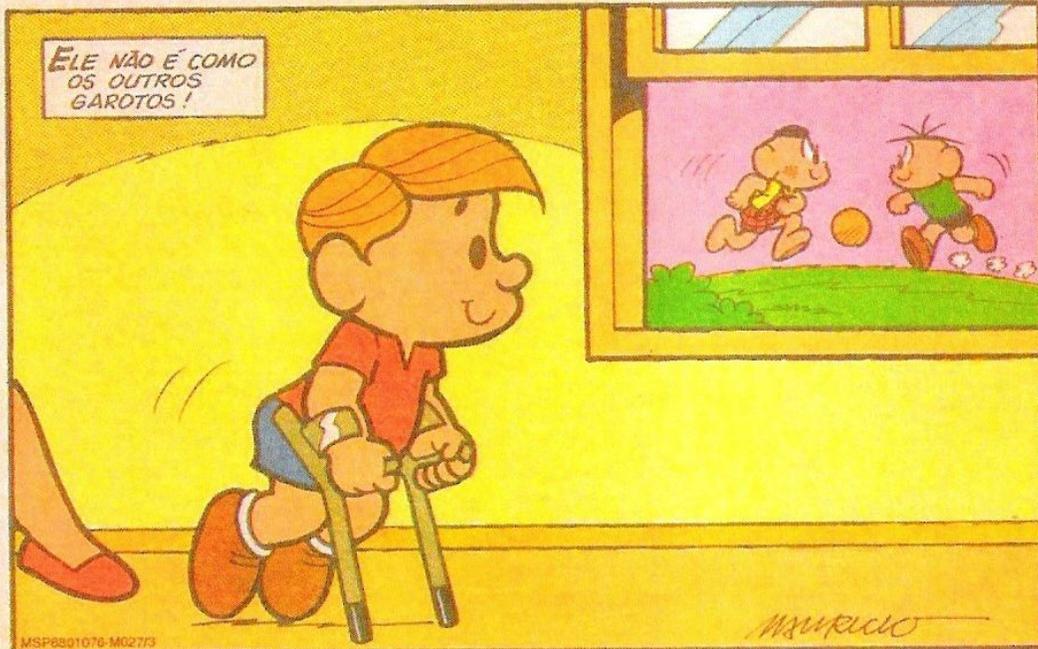


MAS ELE TEM UM PEQUENO PROBLEMINHA!



# A TURMA DA MÔNICA HAMYR, UM GAROTO MUITO ESPECIAL

ELE NÃO É COMO OS OUTROS GAROTOS!



O QUE ESTÁ FAZENDO, FILHO?

VENDO A TURMINHA JOGAR BOLA!

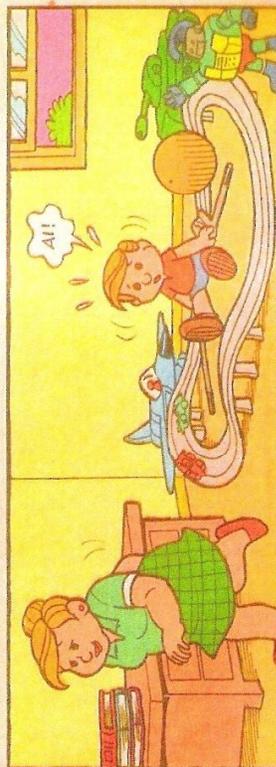
DÁ UMA VONTADE DE IR LÁ FORA!



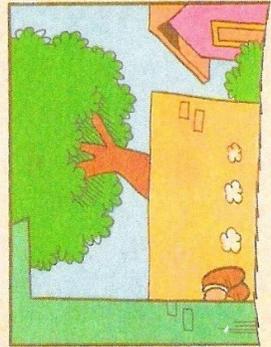
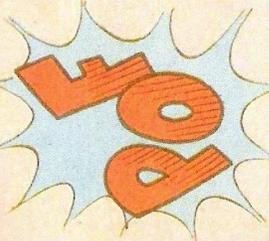
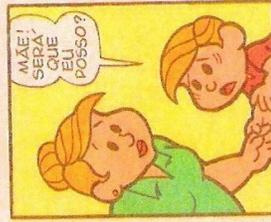
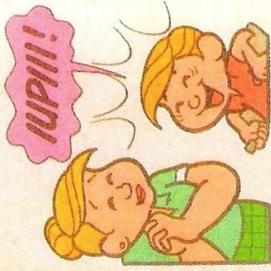
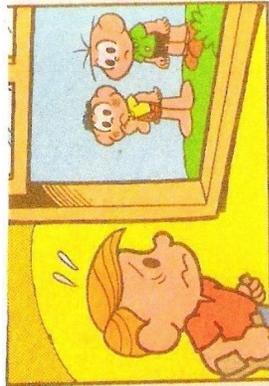
DE JEITO NENHUM! NEM PENSAR!

POR QUE NÃO, MÃE?









TA' BEM, FILHO! NAO AGUENTO VER VOCE TRISTE! PODE IR BRINGAR COM OS SEUS AMIGUINHOS!

MAE! SERA QUE EU POSSO?

FICAR ESCONDIDO DENTRO DE CASA NAO ESTA COM NADA! MELHOR MESMO E IR A LUTA!

MUNDO! LA' VOU EU!

HUM... SO QUE EU NAO LIGARIA SE REBAIKASSEM AS CALCADAS, COLOCASSEM AS PORTAS DOS ONIBUS MAIS PROXIMAS DO CHAO, UMA AJUDAZINHA NAS ESCADAS, NAS LADEIRAS...

VAMOS PRA CASA! NAO QUERO QUE VOCE SE MACHUQUE!

NÃO VAI ACREDITAR, MÃE! LEVEI UMA COELHADA DA MÔNICA!

AQUI ESTÃO OS SEUS BRINQUEDOS!